SEMIÓTICA INTEGRAL

A Linguagem da Libertação

KEN WILBER

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega Filho

Sumário 1

Semiótica Integral 1

Endereço Kósmico 7

Referentes Espirituais 11

O Gigaglossário 14

O 1-2-3 do Espírito 18

Como as Palavras Tornam-se Significantes 21

Linguagens do Espírito 25

Zonas da Semiótica 29

Expanda sua Mente. Prospere na Vida 34

(Publicado no site www.integrallife.com em julho de 2017.)

SUMÁRIO

Este artigo trata de um tópico que considero essencial: a natureza do significado linguístico – ou semiótica – e como uma abordagem verdadeiramente Integral muda fundamentalmente a forma de compreendê-lo. Um dos passos básicos é entender que o referente, ou "objeto real", representado por qualquer signo linguístico, não existe "por aí" em uma realidade única, pré-dada e imutável, mas sim em um espaço de mundo particular e específico – um quadrante, ou nível, ou linha, ou estado, ou tipo – e só pode ser "visto" ou "experienciado" se encontrarmos esse espaço de mundo particular e dirigirmos nossa consciência para ele.

Um "cachorro" pode ser visto por praticamente qualquer ser senciente com cérebro e olhos, e existe no mundo sensório-motor. Mas, e quanto a "Deus", ou "natureza de Buda", ou "Espírito"? Esses são significantes simples como "cachorro" – isto é, uma marca material que alega representar uma realidade. Mas essa realidade não está simplesmente "lá fora" em um mundo único, pré-dado, sensório-motor – e, assim, os respectivos referentes, frequentemente, são considerados sem sentido.

Mas meu ponto é que todos eles existem, de fato, em um espaço de mundo específico que pode ser descoberto e experienciado – tal como o estado de consciência causal ou informe, estágios particulares de meditação, experiências de pico específicas ou estados alterados. Quando se está nesses espaços de mundo e não simplesmente olhando fixamente para o espaço sensório-motor, os referentes verdadeiros (os "fenômenos reais" de cada referente) podem ser claramente vistos ou experienciados. E isso altera a natureza e o significado da semiótica, afirmando que qualquer referente dado de um significante particular existe em um espaço de mundo específico, e para experienciar adequadamente esse referente (se ele existir), o sujeito deve entrar nesse espaço de mundo particular e, só então, buscar pelo referente.

A Semiótica Integral oferece um mapa ou estrutura abrangente da maioria dos espaços de mundo conhecidos, disponíveis para os seres humanos, e, portanto, um mapa que nos permite conhecer o Endereço Kósmico de um referente particular e, desse modo, saber onde procurar por qualquer referente representado por um significante. Uma vez que a maior parte desses espaços de mundo não possui localização simples ou forma material, é provável que eles sejam negados como realidades pela maioria das escolas realistas, empíricas ou comportamentais – quando, na verdade, eles são o lar da ampla maioria das coisas que muitos humanos reputam valiosas. Assim, a Semiótica Integral não é uma questão apenas de linguística, mas de emancipação.

SEMIÓTICA INTEGRAL

Desde a "virada linguística" na filosofia, há cerca de um século e meio, um fato geral sobre a linguagem tornou-se cada vez mais óbvio: a linguagem não representa apenas o mundo, ela o cocria ou, pelo menos, cocria certos aspectos

e extensões importantes dele. Não obstante, mesmo aqueles mundos que ela não cocriou diretamente (grande parte dos mundos pré-humanos, como o atômico e o molecular), surgem em um mundo que é conhecido e interpretado pelas estruturas linguísticas atuais e, portanto, se não foram cocriados diretamente pela linguagem, são irrevogavelmente tocados e tingidos por ela.

O que nos leva a uma teoria integral da semiótica em geral. Como sugeri anteriormente na forma de esboço, algumas das peças do quebra-cabeça incluem a semiologia de Ferdinand de Saussure, que sustenta que todos os signos que indicam referentes são compostos por um significante material (ou exterior) e um significado mental (ou interior); a semiótica de Charles Peirce, que sustenta que os signos não são apenas diádicos (significante e significado), mas sim triádicos (como ele disse, "uma ação ou influência que é, ou envolve, uma operação de três sujeitos, tal como um signo, seu objeto e seu interpretante, essa influência trirrelativa não é de modo algum resolvível por uma ação entre pares"); a teoria dos atos de fala de J. L. Austin e John Searle; a teoria da ação comunicativa de Habermas; o estruturalismo do desenvolvimento (por exemplo, Piaget); e a hermenêutica tradicional – para mencionar algumas peças proeminentes. Embora "semiótica", no sentido estrito, refira-se à abordagem de Peirce ao tópico (ele inventou a palavra), agora é comum usar esse termo para se referir ao campo inteiro dos signos e símbolos linguísticos.

Dado o fracasso dos paradigmas empirista, positivista, behaviorista, realista, fenomenológico e representacional para explicar a geração de muitas variedades de significado linguístico, a questão central da semiótica (e do conhecimento em geral) tornou-se onde exatamente localizar os referentes de elocuções (e como lidar com eles?). Isto revela-se incrivelmente importante porque, encoberto neste tópico, está realmente como determinamos a ontologia em geral – o que é real e o que é meramente imaginado, equivocado ou idiossincrático. Até mesmo se liga à possibilidade de provar a existência de Deus de algum modo.

Vamos dar um exemplo simples; quando digo: "eu vejo o cachorro", todos podemos olhar e apontar para o cachorro real, assumindo que ele está presente. O cachorro real tem localização simples em um espaço empírico (ou sensório-motor) e, portanto, localizar esse referente é bastante fácil – simplesmente apontamos para o cachorro real e dizemos: "lá está ele". Mas quando digo: "George está verde de inveja porque John mostrou que tem mais coragem", onde exatamente localizamos "inveja" e "coragem"? Elas não têm localização simples no espaço físico e, portanto, não podemos apontar para elas empiricamente. Não podemos "colocar o dedo" nelas.

Da mesma forma, não podemos colocar nosso dedo na maioria dos referentes da matemática (onde está a "raiz quadrada de menos um"?), nem dos da poesia, nem dos da lógica, nem em nenhuma das virtudes – não podemos apontar para honra, valor, compaixão ou sabedoria espiritual.

Aqui, não estamos falando sobre a noção de que todos os referentes, quando percebidos ou mesmo imaginados, têm algum tipo de atividade correlata

no cérebro, de modo que quando leio as palavras "cachorro", "raiz quadrada de menos um" ou "Deus", cada uma estimula o cérebro de uma maneira particular. Essas atividades cerebrais não são os referentes dessas palavras. Já que toda atividade do ser humano apresenta algum tipo de registro no cérebro humano, usar a atividade cerebral como indicação da localização de um referente é, na verdade, uma enorme tautologia – todas as coisas são igualmente registradas pelo cérebro, até mesmo imagens ilusórias e fantasiosas. Tentar provar, por exemplo, que a meditação é real ao conectar meditadores a eletrencefalógrafos, ou a aparelhos de ressonância magnética, e observar o padrão cerebral resultante não prova absolutamente nada, exceto que um fenômeno cruzou o cérebro e o estimulou, como todos os itens registrados o fazem. Observar padrões de ondas cerebrais quando as pessoas meditam é uma das grandes manobras diversionistas [*red herring*] da pesquisa moderna.

É claro que precisamos fazer isto, de modo que a natureza exata da correlação entre os fenômenos da consciência, no Quadrante Superior Esquerdo (QSE), e os fenômenos cerebrais, no Quadrante Superior Direito (QSD), possam ser mapeados. Mas não queremos concluir erroneamente, como muitas vezes acontece, que o cérebro é a fonte, a origem e a causa da consciência. Esta é apenas outra colonização científico-materialista do mundo da vida (o desastre da modernidade), e não contribui em nada para o conhecimento genuíno. O que estamos falando quando nos referimos à localização dos referentes é, além da atividade cerebral, onde no mundo global existe o referente real ou o objeto verdadeiro? Para a maioria das filosofias empiricamente orientadas (do behaviorismo ao realismo), isto significa "onde o objeto existe no mundo sensório-motor?"; ou então, "ele existe no mundo sensório-motor?" (porque, caso contrário, geralmente ele é considerado um fenômeno irreal ou simplesmente imaginado).

Quando percebemos uma maçã, e dizemos "eu vejo a maçã", e o cérebro se ativa de maneira particular, não concluímos: "a maçã só existe como um padrão de ondas cerebrais; fora isto, não é real". Não, concluímos que a maçã é um objeto real no mundo real, e como o cérebro a percebe, ele se ativa de várias maneiras específicas. Mas o que acontece quando dizemos o mesmo tipo de frase, mas com um referente diferente? Por exemplo, quando engajado em contemplação: "eu vejo Deus", e o cérebro volta a se ativar de forma específica. Damos a Deus a mesma realidade que demos à maçã e concluímos que Deus é um fenômeno real no mundo real, e o cérebro se ativa enquanto vê esse item real? Não, na verdade, não; fazemos exatamente o contrário. Tomamos qualquer padrão de ondas cerebrais que possamos encontrar no momento – talvez um aumento nas ondas gama – e dizemos: "quando o cérebro produz ondas gama em excesso, o sujeito imaginará que ele ou ela está vendo Deus". Em outras palavras, com a maçã, as ondas cerebrais são tomadas como prova extra de que as maçãs são reais; com Deus, as ondas cerebrais são tomadas como prova extra de que Deus é apenas um objeto imaginário; ele não existe no mundo real; é simplesmente um produto ilusório de certos padrões de ondas cerebrais. O que está acontecendo aqui? E eu sugiro que a resposta se encontra na essência da semiótica.

Comecemos pelo fato de que a maioria das questões importantes em nossas vidas não tem localização simples; mas isso não significa que não sejam reais ou não existam. Significa apenas que elas não podem ser encontradas no espaço físico por localização simples: não podem ser encontradas no espaço de mundo sensório-motor.

Mas, além do espaço sensório-motor, há os espaços emocional, mágico, mítico, racional, pluralista, integral, holístico, transglobal, visionário, transcendental e transcendental-imanente, para citar alguns proeminentes. E todos esses espaços de mundo têm seus próprios objetos ou referentes fenomenologicamente reais. Um cachorro existe no espaço sensório-motor, e pode ser visto por qualquer hólon com olhos físicos. A "raiz quadrada de menos um" existe no espaço de mundo racional, e pode ser vista por qualquer pessoa que se desenvolva até a dimensão de operações formais. E a "natureza de Buda" existe no espaço de mundo causal, e pode ser facilmente vista por quem se desenvolva até essa dimensão muito real de suas possibilidades de estado.

Mas nem a "raiz quadrada de menos um" nem a "natureza de Buda" podem ser vistas no mundo sensório-motor – e todas as filosofias que assumem o domínio material ou o domínio sensório-motor como a realidade essencial (ou que assumem a ontologia livre de consciência como o dado básico), não estarão capacitadas a localizar nenhuma delas e, assim, concluirão que ambas não têm uma realidade fundamental (a menos que façam uma exceção, como, por exemplo, o positivismo quando diz que tudo que é real são coisas e números – mas que pena para a "natureza de Buda" ou o "Espírito": simplesmente não podem ser encontrados no domínio do barro ou dos números e, portanto, são apagados sem cerimônia da face do Kosmos).

Em outras palavras, o referente real de uma elocução válida existe em um espaço de mundo específico. As teorias empiristas em geral falham porque, em última instância, reconhecem apenas o espaço de mundo sensório-motor (e, portanto, não podem sequer explicar a existência de suas próprias teorias, que não existem no espaço de mundo sensório-motor, mas sim no espaço de mundo racional).

Ferdinand de Saussure, em seu trabalho pioneiro sobre linguística e semântica, dividiu um "signo" em duas partes: primeiro, há a marca material (escrita ou falada), que é o "significante". Todas as palavras nesta página são significantes. Segundo, há o que vem à mente quando você vê ou ouve um significante, que é chamado de "o significado". Assim, meu cão Fido é o objeto real ou referente. A palavra "F-i-d-o" é um significante, e o que lhe vem à mente quando você lê "Fido" é o significado (nenhum dos dois é o objeto real ou referente a que se refere – que é o próprio Fido).

O significante (por exemplo, as palavras materiais "Fido", "raiz quadrada de menos um" ou "natureza de Buda", como escritas nesta página ou faladas por uma pessoa) é o Quadrante Superior Direito, a marca material objetiva. O significado (o que lhe vem à mente quando você lê "Fido" ou "raiz quadrada de menos um" ou "natureza de Buda") é o Quadrante Superior Esquerdo, a

apreensão interior na consciência. Isto é o que Saussure quis dizer com a marca material (significante) e o conceito que ela induz (significado), ambos diferentes do referente real. E a Semiótica Integral acrescenta, o referente real de uma elocução, na medida em que ela seja válida, existe em um espaço de mundo determinado – existe em alguma dimensão da matriz AQAL que é composta de fenômenos reais em qualquer número de quadrantes, quadrivia, níveis, linhas, estados e/ou tipos.

Uma vez que todos os significantes são, por definição, materiais, eles podem ser vistos por qualquer animal com olhos físicos (meu cachorro pode ver as marcas físicas nesta página). Mas o significado só pode ser apreendido se o nível apropriado de desenvolvimento interior for alcançado. Assim, meu cão consegue ver o significante "cachorro", mas essa palavra não tem significado para ele, não faz nenhum sentido para ele, e, portanto, ele não pode saber qual é o referente dela. Da mesma forma, uma criança de seis anos pode ler as palavras "raiz quadrada de menos um", mas esses significantes não fazem nenhum sentido para ela (não significam nada) e, portanto, a criança de seis anos não consegue captar o referente real (a entidade matemática que existe apenas no espaço de mundo racional).

Portanto, já que os referentes existem apenas em espaços de mundo específicos, se você não se desenvolveu até o respectivo espaço de mundo – se não possui o significado desenvolvido – você não consegue perceber o referente real. Desse modo, qualquer um pode ler as palavras (os significantes) que dizem "natureza de Buda", mas se a pessoa não se desenvolveu até a dimensão causal, essa expressão será basicamente sem sentido (não provocará o significado correto, o significado do desenvolvimento, a apreensão ou compreensão interior) e, assim, essa pessoa não estará capacitada a perceber a "natureza de Buda", assim como a criança de seis anos não consegue perceber a "raiz quadrada de menos um".

As pessoas que se desenvolveram até o estágio de estado da dimensão causal podem sustentar vigorosamente que a "natureza de Buda" existe, o "Espírito" existe, e que todo mundo a possui, embora para aquelas que não se desenvolveram até o estágio da dimensão causal, a noção de "natureza de Buda" ou "Espírito" seja "grego", esteja "acima de suas cabeças".

Em suma, todos os referentes existem em espaços de mundo específicos (ou seja, em algum local da matriz AQAL global); todos os significantes existem no domínio material e empírico (Quadrante Superior Direito); e todos os significados são, de fato, significados de desenvolvimento, e existem no Quadrante Superior Esquerdo, em alguma altitude específica (vermelha, âmbar, laranja, verde, índigo, etc.).

Mas significantes (Quadrante Superior Direito) e significados (Quadrante Superior Esquerdo) não existem no vácuo. Cada um tem suas formas coletivas e correlatas. A soma dos significantes coletivos – a forma ou estrutura total que rege as regras e os códigos do sistema geral de significantes materiais (que, como um sistema material coletivo de significantes, é o Quadrante Inferior

Direito) – é simplesmente a sintaxe (ou a gramática), que determina a forma correta ou aceitável pela qual os significantes são colocados relativamente uns aos outros. E a soma dos significados coletivos – o significado real geral gerado pela intersubjetividade cultural (que, como sistema interior coletivo de significados, é o Quadrante Inferior Esquerdo) – é simplesmente a semântica. O brilhantismo de Saussure detectou que o significado de um signo não é determinado apenas pelo signo, mas também pelo sistema geral de signos e a relação de um determinado signo com todos os outros signos, e não somente pela relação com o seu referente, que é amplamente arbitrária.

(Considere as expressões "a manga da camisa" e "a manga na árvore" – a palavra "manga" não possui um significado inerente, mas ganha significado a partir do contexto de outros signos com os quais se relaciona – significa algo diferente em cada contexto – uma parte da camisa ou a fruta de uma árvore. Também não há nada de especial na palavra "manga" – praticamente qualquer palavra pode servir em seu lugar e é o que acontece em diferentes idiomas. Poucas palavras realmente soam – "onomatopeia" – como o referente que representam – "rosnado", por exemplo, soa aproximadamente como *rrrrr* emitido por um animal real e, nesses casos relativamente raros, há uma suave conexão interna entre o significante e o referente, mas mesmo assim é necessário um conjunto de outros signos para transmitir o significado.)

Isso nos dá a oportunidade de integrar as várias escolas de semiótica que mencionei no início deste resumo. Por exemplo, ao ver que o significado (Quadrante Superior Esquerdo) surge apenas no espaço de visão de mundo coletiva ou semântica cultural (Quadrante Inferior Esquerdo) – que serve como contexto de fundo necessário para a interpretação individual – a estrutura triádica do signo de Peirce e a estrutura diádica do signo de Saussure podem chegar a um acordo estrito: o signo de Peirce é o significante de Saussure (ambos aninhados em um sistema de sintaxe social); o objeto de Peirce é o referente de Saussure (ambos existentes em um espaço de mundo específico); e o interpretante de Peirce é o significado de Saussure (ambos sustentados por um sistema de semântica cultural).

Também podemos encontrar espaço nesta abordagem integral para as importantes descobertas do pós-modernismo sobre a natureza das materialidades da comunicação e as cadeias de significantes deslizantes (Lacan, Derrida) e sobre a importância dos códigos transformadores na seleção de quais significantes serão considerados sérios e quais, marginais (Foucault). Ainda mais importante, acredito, podemos honrar a "hermenêutica estruturalista" de Paul Ricoeur, uma tentativa corajosa (e parcialmente bem-sucedida) de integrar explicação formalista (sistema estrutural ou sintaxe do Quadrante Inferior Direito) com interpretação significativa (hermenêutica cultural e semântica do Quadrante Inferior Esquerdo). Ricoeur: "Se, então, a intenção é a intenção do texto, e se essa intenção é a direção que abre para o pensamento, é necessário compreender a semântica profunda em um sentido fundamentalmente dinâmico; portanto, afirmo o seguinte: explicar é libertar [ou expor] a estrutura, isto é, as relações internas de dependência que constituem a estática do texto [a sintaxe

formalista]; interpretar é estabelecer a trajetória do pensamento aberta pelo texto, seguir a direção do norte do texto [semântica profunda]."

Resumindo: os significantes individuais são Quadrante Superior Direito (marcas materiais); os significados são Quadrante Superior Esquerdo (apreensões interiores); sintaxe (ou gramática) é Quadrante Inferior Direito (sistemas coletivos e regras estruturais da linguagem acessadas de forma objetiva); semântica é o Quadrante Inferior Esquerdo (referentes reais de signos linguísticos, referentes que existem apenas em visões de mundo ou espaços de mundo particulares revelados). Se acrescentarmos dez ou mais níveis de desenvolvimento em cada um desses quadrantes, acredito que teremos o começo de uma teoria verdadeiramente abrangente ou integral da semiótica.

ENDEREÇO KÓSMICO

Isto também está diretamente relacionado ao que denomino o "Endereço Kósmico" de um fenômeno. Para localizar um referente (por exemplo, um "cachorro", a "raiz quadrada de menos um" ou a "natureza de Buda"), é preciso se conhecer o espaço de mundo em que o referente existe. Dar simplesmente um significante ou nome para o objeto ou evento não nos diz nada sobre se esse objeto ou evento é real (o que você acha de "unicórnios" ou da "Fada do Dente" ou de "Papai Noel"? Pasme-se de que eles são reais, mas somente no espaço de mundo mítico. Eles não podem ser encontrados no espaço de mundo sensório-motor, no racional, no holístico, etc., e, portanto, geralmente são descartados como fantasias, negligenciando-se a realidade fenomenológica genuína que esses itens têm para aqueles no espaço de mundo mítico, onde esses itens são tão reais quanto qualquer outro objeto ou evento que possa adentrar a consciência nesse nível).

Um Endereço Kósmico (EK) é o local na matriz AQAL onde o referente pode ser localizado. O EK mais simples é dar o quadrante e o nível. (Embora mais dimensões possam ser dadas, e quanto mais dimensões – linhas, estados, tipos, etc. – mais preciso e acurado será o EK. Mas, para começar, quadrante e nível são suficientes). Assim, meu cachorro, como um organismo objetivo, possui um EK de Quadrivium 3 (Quadrante Superior Direito) e um nível ou altitude correspondente a um sistema límbico (ou seja, Nível 8 na figura 1) e pode, assim, ser indicado como Fido (Q/3, N/8). Para um unicórnio, que existe no espaço de mundo mítico (ou Nível 11) e no Quadrante Interior-Individual # 1 (como um objeto imaginal), o EK seria (Q/1, N/11). Para a "natureza de Buda", que existe no Quadrante Interior-Individual (Q/1) e no estado causal (E/c), o EK seria (Q/1, E/c).

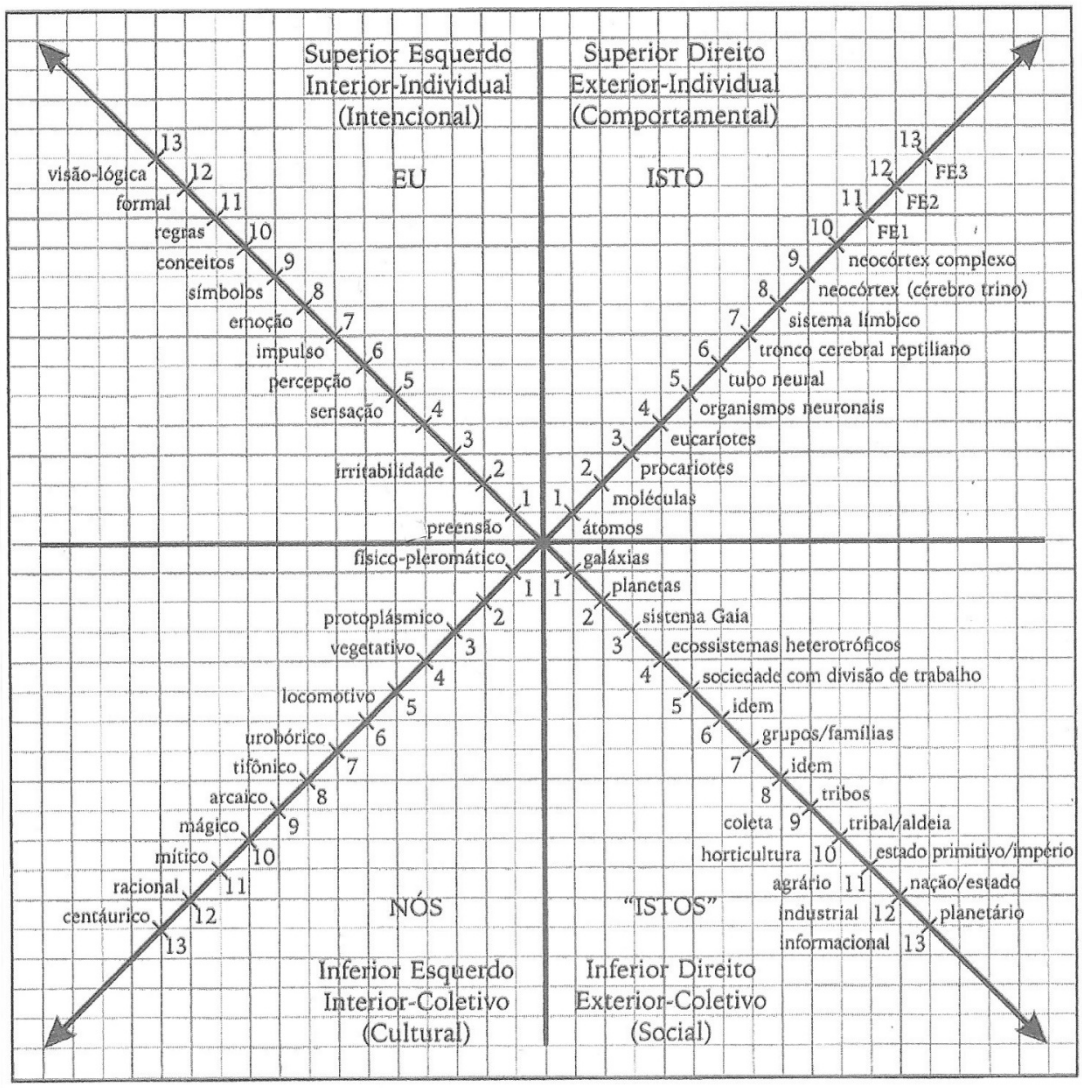

Figura 1 – Mapa AQAL

Para um endereço completo, o EK do observador ou sujeito também deve ser dado, uma vez que indivíduos em diferentes níveis percebem diferentes espaços de mundo. Digamos que o observador, neste caso, orienta-se principalmente pelo Quadrante 2 (Inferior Esquerdo), e seu centro de gravidade estrutural é verde pluralista (Nível 13 na figura 1). O EK de Fido neste exemplo é:

$$\textbf{Fido} = (Q/2, N/13)_s \times (Q/3, N/8)_o$$

(Onde "s" significa sujeito observador e "o", objeto observado.)

O EK da "raiz quadrada de menos um" é: Quadrante Superior Esquerdo (Q/1) na visão de mundo laranja, racional ou Nível 12 (na figura 1): – $\mathbf{(Q/1, N/12)_o}$. Novamente, para ser completo, precisamos nos lembrar de adicionar o endereço do sujeito também. Sempre que vemos um endereço onde, por exemplo, o nível de desenvolvimento do sujeito é menor que o nível do EK do objeto ou referente, sabemos que esse objeto está "acima da cabeça" do sujeito e, portanto, esse

sujeito irá "traduzir por baixo" a forma, as características e o significado real do referente ("traduzindo-o erradamente" e "distorcendo-o" em algum grau). Se escrevemos, digamos, o EK da "raiz quadrada de menos um" visto a partir de um endereço que envolve um sujeito particular, digamos, vermelho, ou Nível 10 (na figura 1) e que se orienta do Quadrante 3 (QSD), o EK completo é **$(Q/3, N/10)_s$ x $(Q/1, N/12)_o$**. Aqui, notamos que o sujeito está no Nível 10 ou vermelho tribal, em comparação com o objeto, que é encontrado na visão de mundo laranja do Nível 12 e, portanto, este objeto está literalmente "acima da cabeça" deste sujeito particular, que não será capaz de entendê-lo de forma clara ou sequer percebê-lo e, desse modo, interpretará mal o que ele significa.

O mundo está cheio dessas incompatibilidades "de nível cruzado" e, de fato, todas as guerras culturais consistem, em grande parte, de disputas entre o Nível 11 âmbar ("tradicionalismo religioso"), o Nível 12 laranja ("ciência moderna") e o Nível 13 verde ("multiculturalismo pós-moderno).[1] Com cada nível sucessivo "acima da cabeça" de seu antecessor, praticamente não existe nada em comum com o que concordar e, portanto, nada além de inimizade e julgamento entre os níveis (e sendo todos de 1ª camada, não há apreciação ou compreensão mútua, apenas condenação mútua). 95% da população mundial está presa a essas questões de comunicação cruzada de 1ª camada, com a paz, consequentemente, não sendo muito mais do que uma esperança e uma oração.

Em todos os casos acima, o que fizemos foi localizar o referente do significante do signo – ou o fenômeno real que o signo está representando ou produzindo. **$(Q/1, N/12)_o$** significa que, ao longo de toda a matriz AQAL, com todos os seus quadrantes e quadrivia, seus níveis, linhas, estados e tipos, esse fenômeno particular (a "raiz quadrada de menos um") será encontrado apenas se olharmos no Quadrante 1 (ou Quadrante Superior Esquerdo) a uma altitude laranja (N/12). Possivelmente, ele terá outros determinantes, como um estado particular, uma linha particular e, provavelmente, também um tipo particular. Mas o ponto principal é que você não encontrará este fenômeno ou este referente se olhar para qualquer outro quadrante ou com a Visão de qualquer outro nível. Ele

---

[1] Podemos usar qualquer sistema de numeração que quisermos para os níveis do Endereço Kósmico, desde que especifiquemos claramente qual sistema de numeração está de fato sendo usado. Os níveis dados na figura 1 superam em número os níveis dados na tabela 1, porque a tabela 1 apresenta Fulcros que contêm vários subcomponentes, alguns dos quais são especificamente dados na figura 1 (por exemplo, o F-2 magenta contém impulso, emoção, símbolos, e a figura 1 enumera esses subcomponentes e, portanto, lista mais níveis). Como de costume, o número e tipos de ingredientes fornecidos para cada nível na escala de altitude geral variam de modelo para modelo, o que não é um problema, desde que se indique que modelo está sendo usado. É como um prédio de 5 andares, que também tem uma escada, com 10 degraus entre cada andar. Podemos numerar os andares 1 a 5, ou 1 a 50, dependendo se contamos andares ou degraus como níveis principais. Muitas vezes, mudamos de um para o outro, dependendo de quanto detalhamento e granularidade precisamos. Novamente, não há problema, desde que indiquemos exatamente o que estamos fazendo. Se eu usasse Fulcros para as guerras culturais, em vez dos Níveis 11, 12 e 13, seriam os Fulcros 4, 5 e 6.

simplesmente não existe em nenhum outro local da matriz AQAL, e buscá-lo em outro lugar é inútil. Aqueles que só se desenvolveram até o Fulcro 3 ou 4 (nível mágico-mítico ou mítico) acharão inacreditável a existência de um item tão estranho; ele está "acima de suas cabeças". A "raiz quadrada de menos um" existe, literalmente, em uma estrutura muito real do Kosmos que está, no entanto, acima do seu nível atual de desenvolvimento e, portanto, não pode ser vista em nenhum lugar de sua consciência ou de seu mundo. Ela simplesmente não existe (ou "ex-ist", "está fora") para eles. Eles irão ridicularizá-la conscientemente, e ela será imediatamente apagada de qualquer ontologia que tenham, e nenhuma de suas epistemologias ou metodologias irá considerá-la, não importa o quanto as espremam até secar.

Fulcros	Níveis – Visões	Camada
F-12	Luz Clara – Supermente	3ª
F-11	Ultravioleta – Sobremente	
F-10	Violeta – Metamente	
F-9	Índigo – Paramente	
F-8	Turquesa – Integral	2ª
F-7	Verde-água – Holístico	
F-6	Verde – Pluralista	1ª
F-5	Laranja – Racional	
F-4	Âmbar – Mítico	
F-3	Vermelho – Mágico-mítico	
F-2	Magenta – Mágico	
F-1	Infravermelho – Arcaico	

Tabela 1

Finalmente, o que se chama de requisito "mínimo" para um Endereço Kósmico depende de vários fatores e mudará em diversas circunstâncias. Em muitos casos, a determinação dos quadrantes e dos níveis do sujeito e do objeto é suficiente. Teoricamente, é mais adequado adicionar uma metodologia específica (de uma zona específica) que, geralmente, é a mesma do quadrante/zona do próprio objeto e, portanto, não precisa ser anotada separadamente (a menos que elas sejam de fato diferentes). Mas, tecnicamente, são itens diferentes e, portanto, além de dar o EK do sujeito e do objeto, o EK da metodologia pode ser indicada visando a um EK mais completo. Eu costumo indicar isso resumidamente apresentando o EK como **quadrante** (sujeito) **x quadrivium** (ou "octavium" – a metodologia da zona) **x domínio** (ou objeto, que pode ser um quadrante, nível, linha, estado ou tipo). Sean Esbjörn-Hargens e Michael Zimmerman, em seu livro *Integral Ecology*, simplificam isso para: **Quem** (sujeito) **x Como** (método) **x Que** (objeto), que eu gosto.

O ponto fundamental sobre o Endereço Kósmico – do simples ao complexo – é precisamente o fato de que não há um mundo pré-dado que esteja por aí esperando ser descoberto por todos e nem algum tipo de objeto eterno

pré-dado, estabelecido por suas características, aguardando a descoberta – o mundo evolui, desenvolve-se e é enagido, e, assim, uma vez que não há nenhum mundo dado nem nenhum centro do mundo dado, a única maneira de descrever a localização de um objeto é em relação à totalidade de todos os outros objetos e fenômenos – e isso significa maneiras de determinar (e comunicar) as várias formas como um fenômeno se desenvolve em relação ao resto do mundo; em suma, significa dar alguma versão de seu Endereço Kósmico, ou escalas e medidas que indiquem sua localização e deslocamento em relação a outros fenômenos (como seu quadrante/perspectiva, seu grau de consciência e/ou complexidade, as injunções necessárias para colocar um sujeito no local do fenômeno, e assim por diante). Isso pode ser indicado, por exemplo, como **Quem x Como x Que x Quando x Onde** (onde todos esses são definidos em relação a outros fenômenos de sua classe – ou seja, não existe apenas um *Quem*, mas um espectro de "Quems"; nem um único quadrante/perspectiva, mas pelo menos 4 (e 8, contando as zonas), nem apenas um método ou metodologia de uso geral, mas dezenas deles (dos quais pelo menos 8 famílias principais são reconhecidas pela Teoria Integral). Uma versão simplificada do EK é **Quem x Como x Que**; ainda mais simples, **Quem** (localizado ao longo de um espectro de algumas dezenas de diferentes níveis em 4 quadrantes) **x Que** (localizado em uma ou mais de pelo menos 8 zonas diferentes).

Mas o ponto é que, quando nos livramos da noção arcaica de um mundo fixo pré-dado e de objetos fixos pré-dados, com o objetivo de mapeá-los com precisão, e a substituímos pela visão de um universo composto de hólons sencientes com perspectivas, a ideia torna-se entender essas perspectivas e o que elas revelam e enagem, e isso significa conhecer o Endereço Kósmico desses hólons – ou sua relação com todos os outros hólons, pois o Todo é a única coisa que é completa e, portanto, relativamente falando, "mantém-se" (mesmo que se desdobre e evolua de momento a momento.)

REFERENTES ESPIRITUAIS

Esta abordagem Integral – quase como um bônus – define os referentes espirituais precisamente no mesmo plano geral que qualquer outro referente válido – sensorial, biológico, racional, matemático, seja o que for. Na minha opinião, o fundamento dos referentes espirituais é a questão crucial para a mente moderna e pós-moderna. A espiritualidade evoluiu e distanciou-se tanto de suas formas mágicas e míticas primitivas, a ponto de suas formas modernas e pós-modernas não terem quase nenhuma relação com aquelas versões iniciais – do mesmo modo que a ciência de hoje tem pouca relação com a ciência da alquimia, das sangrias e das sanguessugas de ontem. E, até agora, praticamente nenhum trabalho foi feito nesta área. Mas uma Semiótica Integral coloca tanto "cachorro" quanto "Deus" na mesma base. Tudo o que é necessário para encontrar e experienciar cada um desses referentes é descobrir e especificar seu Endereço Kósmico – e depois ir até ele.

É por isso que podemos dizer que a "natureza de Buda" é uma expressão material (o significante) cujo referente semântico existe em um único espaço de mundo (neste caso, o espaço de mundo causal, com "causal" usado no sentido de informe, vazio, Fundamento sem fundamento de todo Ser), que é desvelado apenas como um significado desenvolvido (ou a apreensão interior de alguém que realmente se desenvolveu ou evoluiu até aquela dimensão ou estágio de estado causal). Isso é verdadeiro para qualquer significante, significado e referente, e, desse modo, quando combinado com a metodologia genuína do conhecimento espiritual (isto é, injunção, dados, falseabilidade), sustenta-o de forma perfeitamente justificável e demonstrável.

Assim, se você quiser saber se Deus existe, deve identificar seu Endereço Kósmico e tomar as medidas necessárias (injunções, exemplares, paradigmas, ações) para colocá-lo na mesma vizinhança. Neste caso, estamos nos referindo a Deus ou ao Espírito como a informe Essência do Ser, o estado causal. Se quiser saber se isso é verdade – se quiser experienciar esse referente Divino – você terá de seguir uma injunção ou prática (meditação ou contemplação) que irá mover sua Vigília do estado denso para o estado sutil, até o estado causal. Isso pode demorar vários anos – mas, geralmente, não mais do que seria necessário para obter um PhD em qualquer disciplina.

Então, qual seria o Endereço Kósmico do Deus causal, o Abismo radiante, a Inteligência escura, mas cintilante, e Fonte de Tudo? Primeiro, quanto à dimensão "objetiva", percebemos que, como um estado de consciência (que possui uma realidade ontológica tanto quanto uma pedra, cachorro, árvore ou montanha), o Deus causal pode ser representado como Q/1 (encontrado no Quadrivium Superior Esquerdo) e E/c (o estado é causal). Assim, como um estágio de estado, seu EK é $\mathbf{(Q/1, S/c)_o}$.

É claro que o sujeito desse estado místico pode estar em qualquer nível (a Matriz Wilber-Combs) – vermelho, âmbar, laranja, verde, turquesa, índigo, violeta ou ultravioleta – e, em cada caso, "Deus" será vivenciado de forma diferente. A experiência mais elevada, mais plena, mais autêntica e maior virá do nível ultravioleta, ou sobremente (que é o estado causal, estruturalmente acoplado ao penúltimo estágio com maior número de perspectivas – ou com o penúltimo grau de consciência mais elevado – o maior sendo a supermente / luz clara, que seria experienciado, não com Deus, mas como Deus ou Quididade. É por isso que dizemos que a estrutura mais elevada para o Deus causal é a sobremente). Assim, a realização suprema do Deus causal – como uma estrutura e um estado – estará em um sujeito que é $\mathbf{(Q/1, Ultravioleta, E/c)_s}$ – EK que inclui tanto a estrutura (ultravioleta) quanto o Estado (E/c). Donde:

$$\textbf{Deus causal} = \mathbf{(Q/1, Ultravioleta, E/c)_s \times (Q/1, Ultravioleta, E/c)_o}.$$

Como o sujeito e o objeto neste caso extremo estão em ressonância total (possuem o mesmo EK), eles poderão ser realizados em um estado de *samadhi*, ou unidade mística, o que significa que seus EKs se sobrepõem direta e imediatamente (isto ocorre, ou pode ocorrer, com qualquer uma das estruturas de 3ª camada e estados superiores, resultando, como já vimos, no misticismo da

natureza, misticismo da divindade, misticismo informe ou misticismo não dual). Assim, para o misticismo causal puro (Deus ou Eu causal/estrutural), podemos representar isso como:

Deus Causal/Estrutural Supremo = (Q/1, Ultravioleta, E/c)$_{s/o}$

Esta é a localização real do Deus causal no Kosmos conhecido – na matriz AQAL – e procurar Deus em qualquer outro lugar será totalmente inútil. (Como a Essência causal de todo Ser, haverá correlatos do Deus causal em todos os 4 quadrantes, e seu EK em cada quadrante pode ser obtido.) A razão pela qual a "prova" para a existência de Deus ter sido tão evasiva ao longo dos séculos e milênios é que ela não é racional (o que a maioria delas tentou ser), nem é apenas sensível, ou apenas consciencial, ou apenas experiencial. É Kosmotopológica: ela existe apenas em uma região particular da Matriz Kósmica AQAL, e só pode ser vista, experienciada ou compreendida diretamente se conhecermos o endereço real e empreendermos as etapas específicas necessárias para entrar nessa mesma vizinhança. Uma vez lá, tudo o que temos a fazer é abrir os olhos e olhar, e o Kosmos inteiro será visto e vivenciado como a expressão radiante de um Divino infinito, tão inconcebível para ser imaginado, tão simples para ser acreditado, tão perto para ser procurado, tão óbvio para ser duvidado, tão amoroso para ser ignorado, tão beatífico para ser oculto, tão belo para sobreviver.

E note que este EK do Deus causal inclui tanto a localização da estrutura (ultravioleta) quanto a localização do estado (causal). Os níveis mais elevados de ambas as sequências de desenvolvimento são necessários para uma Iluminação plena ou dual. Como acabamos de ver, o estado causal (*Big Mind*) pode ser experienciado por praticamente qualquer estrutura ou nível, até pelo vermelho, possivelmente até pelo magenta (menos que isso, o eu ainda não estará suficientemente estruturado para perceber os estados ou suportar uma intensa experiência causal ou não dual sem ameaçar suas fronteiras recém-formadas. Mas, a partir do vermelho, o eu já desenvolveu estrutura e força suficientes para ser exposto a uma experiência de pico poderosa ou a uma experiência de estado alterado, inclusive até *Big Mind*. Entretanto, lembre-se de que a sobremente e a supermente não podem ser vivenciadas nesses níveis mais baixos, porque elas são estruturas, não estados, e têm que se desenvolver, crescer e evoluir, incorporando – transcendendo e incluindo – literalmente todas as estruturas juniores da consciência, até, inclusive, a sobremente. Nesse ponto, a sobremente e, em seguida, a supermente podem ser vivenciadas diretamente, mas não antes.)

À medida que você se aproxima do causal, sua Consciência começará a se desenrolar e se estender profundamente na vasta extensão do Espaço Total, e você abrir-se-á a estados de crescente Radiância, Liberdade, Amor, Consciência e Bem-aventurança ou Felicidade. Sua sensação de eu separado começará a dissolver-se em um sentimento puro de EU SOU, e seu Eu supremo virá cada vez mais à tona, marcado pelo fundamento no Presente atemporal ou pela Presença pura no Presente. À medida que adentrar a consciência causal

sem objeto, ou Subjetividade Pura, você reconhecerá sua Verdadeira Condição ilimitada e infinita, atemporal e eterna, Livre e Transparente, Não Nascida e Imortal. Você encontrará sua própria Face Original, ou o Espírito Divino em si, desnudo e espontâneo, penetrando e abrangendo tudo, um estado do qual você nunca se desviou de fato – e não poderia se desviar – que esteve presente o tempo todo, a cada momento, como o simples Sentimento de Ser. Você terá uma profunda sensação de "chegar em casa", muitas vezes com torrentes de lágrimas e vendavais de gargalhadas sem fim. Após todos esses anos dolorosos, você atingirá sua Condição Nativa, que não reconhece o sofrimento, é estranha à dor da existência, é alheia ao choro, não consegue manifestar agonia.

E então, quando alguém lhe perguntar: "Deus existe?", você poderá responder com base na experiência pessoal direta. "Sim, e eu O vi." Se você já tiver um doutorado em ciência, começará a reescrever muito do que "conheceu" antes, sem encontrar nada cientificamente essencial a ser negado por essa experiência, mas simplesmente a ser complementado com um novo conhecimento não disponível em outros setores da Matriz AQAL.

E tudo isso se perde se continuamos a fazer a simples suposição de que os referentes existem por aí em um único mundo pré-dado, esperando que todos tropecem neles. Ou assumir, como as várias escolas de realismo o fazem, que existe uma única ontologia pré-dada e pré-existente em um único espaço de mundo. Os referentes existem em diferentes espaços de mundo, com diferentes altitudes de desenvolvimento, e diferentes linhas, e diferentes estados, com diferentes arquiteturas e características. Procurar por todos os referentes no espaço de mundo sensório-motor objetivo é eliminar 90% do que é mais real e mais significativo para os seres humanos.

O GIGAGLOSSÁRIO

O que é necessário, neste momento da evolução, é um "*Gigaglossário*" – uma lista abrangente dos vários fenômenos (e, portanto, dos vários referentes) encontrados em cada aspecto de cada dimensão da Matriz AQAL – uma relação dos fenômenos situados em todos os quadrantes, todos os quadrivia, todos os níveis e Visões, todas as linhas, todos os estados e nos tipos de existência e de estar-no-mundo que estão surgindo atualmente. Ele nos daria o Endereço Kósmico de cada fenômeno importante do Kosmos (pelo menos, como agora entendido).

Há, atualmente, um movimento chamado "Big Data" que está tentando computar todos os fatos conhecidos do mundo. Atualmente, isso exigiria centenas de computadores – a quantidade de dados ultrapassa o que um computador pode armazenar. Mas o problema até agora é que, ao analisar os "dados" do "Big Data", praticamente os únicos dados incluídos são do domínio sensório-motor, material ou infravermelho. Mas há dados de, literalmente, todos os níveis, linhas, estados e quadrantes do Kosmos. Há um mundo magenta, um mundo vermelho, um mundo âmbar, um mundo laranja, um mundo verde, um

mundo verde-água, um mundo turquesa, um mundo índigo, um mundo violeta, um mundo ultravioleta e um mundo de luz clara.

Há um domínio denso, um domínio sutil, um domínio causal, um domínio da Testemunha, um domínio não dual. E assim por diante. Cada um desses níveis e domínios, suas Visões e Pontos de Vista, têm verdades reais e realidades genuínas que, definitivamente, precisam ser incluídas em qualquer coisa que se assemelhe a um verdadeiro projeto "Big Data". Esses níveis e domínios do ser-consciência são domínios autênticos e fidedignos do Kosmos: eles são tão reais como montanhas, árvores, pássaros, pedras, esquilos, cidades, aviões, carros, muitos dos quais existem apenas em um ou dois desses níveis coloridos do Kosmos. (Mas o fato de eles terem um exterior material torna mais fácil confundi-los com o próprio nível da fisiosfera, e reduzi-los a esse nível, ao passo que algo como um automóvel tem uma correlação com o espaço de mundo laranja e, portanto, deve ser inserido no "Big Data" como um fato do mundo laranja, não apenas do mundo material. A razão é que, embora seja um artefato e, portanto, não possua os 4 quadrantes, ele foi projetado e fabricado pelo nível ou quadrivium racional laranja e tem as características dessa perspectiva – da mesma forma que automóveis com tecnologia mais avançada têm projetos verdes e até mesmo verde-água).

Mas criar um gigaglossário do "Big Data" para todos os níveis (linhas, quadrantes, estados, etc.) nos permitiria, entre tantas outras coisas, identificar imediatamente os diferentes tipos de "Deus" ou "Espírito" ou "Realidade Suprema" – considerando apenas os estágios de estrutura, há um Deus como ele/ela/isso que aparece no período tribal mágico magenta (e nos anos iniciais "mágicos" da vida contemporânea), um Deus que, em muitos aspectos, foi descrito como um terrorista (nos primeiros capítulos da Bíblia há mais de 600 passagens onde Deus ordena a seu próprio povo trucidar e chacinar outros povos). Depois, existe o Deus mágico-mítico vermelho, cujas atividades vingativas e terroristas parecem crescer com o aumento da intencionalidade e poder que esta Visão introduz (novamente, a mesma coisa acontece hoje quando esse nível emerge no indivíduo ou na cultura atual).

Em seguida, há o Deus mítico-literal âmbar, chegando com Moisés, o Deus da lei e da ordem, o Deus etnocêntrico do espaço de mundo mítico, que transmite a única versão da Verdade, geralmente através de seu único discípulo escolhido (filho, filha ou mestre). Obediência e fé são os requisitos fundamentais desse Deus, a vida eterna no Céu a suma recompensa, o Inferno eterno o extremo castigo (note que esses também são os principais ingredientes das religiões fundamentalistas/tradicionais de hoje, à medida que o nível âmbar de inteligência espiritual emerge – e note também que a felicidade dos que estão no Céu consiste, em grande parte, em observar e desfrutar o tormento agonizante daqueles que estão no Inferno – somente a vingança âmbar poderia sonhar com isso: tente perguntar a um pai o quanto ele apreciaria ver seu filho contorcendo-se em agonia flamejante por toda a eternidade).

Um Espírito racional emerge no laranja (ontem e hoje), e reconhece que há tantas formas de salvação quanto existem caminhos religiosos, nenhum inerentemente superior. Esse é um Deus racional, confortável com a ciência, bem como com a pregação do Amor, sendo Jesus um grande mestre mundial de dimensões humanísticas. (Quando Thomas Jeferson sentou-se nos degraus da Casa Branca com uma tesoura e, literalmente, recortou todas as partes da Bíblia que sentiu serem abominações terríveis para um Espírito genuíno, ele estava suprimindo tudo que era mágico, mítico e pré-racional, e deixando todos os capítulos racionais laranja e pluralistas verdes.)

Um Espírito verde pluralista surge em seguida, e reconhece as múltiplas faces da salvação que uma realidade multicultural exige. As versões Integral e Holística do Espírito são as próximas a emergir, e onde o pluralismo não encontrou nada além do que diferenças entre as tradições espirituais do mundo, a abordagem Integral, reconhecendo plenamente essas diferenças, também desvela os muitos padrões importantes que as conectam e, assim, abre para os seres humanos uma espiritualidade genuinamente mundial, uma fé interespiritual, uma realização transtradicional.

À medida que a consciência cresce para a 3ª camada, ela se junta às realizações espirituais diretas das experiências de pico dos vários estados de consciência. Assim, uma experiência de pico no Índigo com sua Visão Transglobal correlaciona-se com, e, muitas vezes enage, um Misticismo da Natureza, ou uma unidade com todo o domínio biofísico denso (por exemplo, Gaia) – o mundo é entendido não apenas como físico, mas psicofísico. Uma experiência de pico no Violeta, com sua Visão Visionária, correlaciona-se com, e muitas vezes enage, um Misticismo da Divindade transnatural, característico de uma unidade com o domínio sutil inteiro. No Ultravioleta, e na Sobremente, um Misticismo Informe, característico da informidade causal, correlacionado a uma Visão Transcendental, vem à tona.

E na Supermente, um Misticismo Não Dual correlacionado a uma Visão Transcendental-Imanente se anuncia, caracterizando o estado de consciência não dual. A diferença entre esses estados (e seus misticismos correlatos) e as estruturas em si é que, na 3ª camada, tanto uma estrutura quanto um estado particular estão unidos: os estados estão profundamente entrelaçados com as estruturas mais desenvolvidas e degraus básicos e não permanecem como estados amorfos, livres para vagar pelo espectro. Isso traz os principais estados a uma conexão profunda com as estruturas básicas e em sua ordem intrínseca – denso (com a paramente), sutil (com a metamente), causal (com a sobremente) e não dual (com a supermente). Os domínios de estado em si também permanecem intrinsecamente distintos e podem ser especificamente experienciados dessa maneira (os Budas ainda ficam acordados, sonham e dormem profundamente, mesmo que sua consciência esteja permanentemente aberta para todos eles).

(E quando dizemos que os estados são permanentemente anexados a essas estruturas superiores, o que está sendo tecnicamente indicado é que, por

exemplo, na metamente, com sua anexação do estado sutil, o desenvolvimento não pode avançar além da metamente sem alguma objetivação geral do estado sutil. Ou seja, para avançar para a sobremente e a supermente, o estado sutil deve ser permanentemente realizado o mais tardar até o desenvolvimento da metamente violeta, ou o desenvolvimento vertical para; é claro que essa realização do estado sutil pode acontecer antes, em alguns casos até no âmbar. Mas deve ocorrer aqui, no violeta, de forma que o desenvolvimento estrutural possa prosseguir. A mesma relação ocorre, respectivamente, entre o denso, o sutil, o causal e o não dual e seus correlatos superiores: índigo, violeta, ultravioleta e luz clara).

E da maior importância, o que acontece em cada um dos níveis da 3ª camada é que a estrutura básica e o estado correlato são despojados de sua identidade exclusiva com a sensação do eu separado. Os degraus básicos continuam existindo, com seus intercâmbios relacionais contínuos com níveis correspondentes do mundo exterior; e os principais estados permanecem (como dissemos, os Budas ainda ficam acordados, dormem e sonham); mas as Visões e os Pontos de Vista exclusivos gerados a partir dessas estruturas e estados são negados (exceto aqueles da estrutura ou estado presentes na identidade proximal, que permanecem enquanto a identidade se mantiver, e então são negados e transcendidos para dar espaço para a próxima Visão ou Ponto de Vista mais elevados). As estruturas e os estados em si são preservados (ou incluídos), as Visões e os Pontos de Vista exclusivos são negados (ou transcendidos).

Na supermente, o resultado líquido é que todos os degraus ou estruturas básicos – e todos os principais estados – ainda existem, agora totalmente integrados; mas qualquer identidade exclusiva com qualquer um deles é negada, transcendida, liberada. Portanto, as necessidades e as capacidades básicas permanecem – um Iluminado ainda come (1º chacra); ainda tem vida vital e capacidade para relações sexuais (2º chacra); ainda tem uma mente e sua intencionalidade conceitual (3º chacra); ainda tem capacidade de pertencimento, amor, compaixão e cuidado (4º chacra); ainda tem a faculdade de se expressar e se envolver em troca comunicativa (5º chacra); ainda tem capacidade para cognição integrativa e sintetização da consciência (6º chacra); ainda tem identidade direta com o Espírito como seu Eu Mais Elevado estrutural (7º chacra); e ainda se mantém acordado, sonha, dorme profundamente e sustenta-se na pura Presença sempre presente. Mas não se identifica com nenhuma dessas características: o Eu Verdadeiro e Quididade é *neti, neti* – "não isso, não aquilo". A autocontração, em todas as suas formas, é negada e transcendida, e tudo o que resta são estruturas e estados de consciência livremente emergentes, automanifestantes, autolibertadores, que conectam o indivíduo a todas as esferas (visões de mundo, domínios, estados, condições e níveis) do Kosmos inteiro.

O Endereço Kósmico do indivíduo Desperto inclui o Endereço Kósmico de cada fenômeno no universo – o que Plotino chamou o voo do só para o Só. Surge dor, mas não mais sofrimento; surge solitude, mas não mais solidão; surgem

necessidades, mas não mais apego; surge diferenciação, mas não mais dissociação; surge manifestação, mas não mais separação. Supernovas dançam em seu coração; sóis surgem e rodopiam em seu cérebro; Gaia surge como se fosse seus pés; outros surgem, mas nada mais são do que o Eu; samsara surge, mas é o jogo de nirvana, dois lados da mesma Suprema Perfeição; o Vazio reina, mas não pode ser encontrado separado da Forma; e a Forma surge, mas somente como evolução, o Espírito-em-ação, no seu caminho de retorno à sua chocante Autorrealização, à sua eterna Autoexistência e radiante Autolibertação. A única diferença entre o Kosmos antes da Realização e após a Realização é a presença da autocontração que, finalmente, negada e transcendida em todas as suas formas, permite que todos os fenômenos do universo surjam como deveriam surgir: livres de coerção; plenos de liberdade; radiantes como ornamentos do Espírito; autolibertadores como sua própria Condição; e uma textura do seu próprio Eu.

O 1-2-3 DO ESPÍRITO

Não há apenas diferentes níveis e estados do Espírito, há um Espírito diferente em cada quadrante. Os quadrantes do Lado Direito (os espaços de mundo objetivos de "isso" e "issos", ou as visões de 3ª-pessoa em geral), veem e experienciam o Espírito como uma grande Teia da Vida, com todos os seres existentes como fios dessa vasta e extraordinária Teia. Ela é composta de "matéria real"; isto é, como todos os quadrantes do Lado Direito, é composta de massa-energia (massa-energia densa, massa-energia sutil e massa-energia causal) e, no conjunto, tem uma localização simples no espaço-tempo. Andando pela Natureza, contemplando o *Grand Canyon*, olhando para cima e perdendo-se na fascinação infinita de uma noite estrelada – estes são alguns dos itens da Grande Teia que geram maravilhas Kósmicas no coração humano – Deus em 3ª-pessoa, um Endereço Kósmico no 3º (e 4º) quadrantes.

Deus no segundo quadrante é o Grande Outro, o Grandioso Tu, o Deus dialógico que, às vezes, toma a forma de conversa direta, quando "se fala com Deus". Mas este não é um Deus pessoal simplista (exceto nos níveis mais baixos, mágico e mítico), e sim uma Inteligência e um Esplendor infinitos, ocasionalmente convertidos em diálogo pela mente humana quando entra em contato com esse Esplendor não verbal. Imagine sentar-se em uma cadeira e à sua frente "estar sentada" a Inteligência que criou o *Grand Canyon* e todas as estrelas à noite, que tem as respostas para todas as suas perguntas, e tudo que você precisa fazer é perguntar com sinceridade e humildade. Este é o Bom Deus do maravilhoso relacionamento "eu-tu" de Martin Buber, com a ressalva adicional de que "eu" e "tu" podem se tornar um "nós" com compreensão e ressonância mútuas. A comunhão com Deus, em um divino Nós, é Deus com Endereço Kósmico no 2º quadrante (o Inferior Esquerdo), ou Deus em 2ª pessoa.

Agora imagine que essa Inteligência infinita seja seu próprio Eu Mais Verdadeiro e Supremo, olhando para fora através de seus olhos ao ler esta página, e você tem o Espírito na 1ª pessoa, Espírito com um Endereço Kósmico

no 1º quadrante. Esta é sua própria Face Original, o rosto que você tinha antes que seus pais nascessem, antes que a Terra existisse, antes do próprio *Big Bang* – o grande EU SOU de "antes que Abraão fosse, EU SOU". É o Eu Observador que é consciente de seu pequeno eu, finito e separado – agora mesmo! – e simplesmente o testemunha sem identificação, condenação ou julgamento; é o Eu imóvel, vasto, silencioso e radiante para o qual você despertará na Iluminação, no puro Despertar ou Metanoia – o Eu que os Sufis chamam de "a Identidade Suprema", já que seu Eu é o único e ímpar Eu de todo o Kosmos também, o Eu que é uno com o Espírito na 1ª pessoa em uma Identidade Suprema.

Então, se você perceber o que chama de "eu mesmo" agora – os sentimentos, pensamentos e sensações gerais que você chama de "eu mesmo" – notará que, na verdade, você tem dois eus: um é o eu de que você está consciente, que você vê, sente, conhece e observa; o outro é o Eu que efetua a visão, o sentimento e o conhecimento – é a Testemunha, o Eu Observador, o Eu Verdadeiro ou o Sujeito Genuíno que está consciente do eu pequeno como um mero objeto, um ego finito e encapsulado na pele, que nem sequer é um eu ou sujeito real, porque você consegue vê-lo como um objeto! De acordo com as Grandes Tradições, todos estamos presos a uma situação de identidade terrível e equivocada: identificamo-nos com o eu errado, o eu pequeno, o eu separado, o eu contraído, à parte e contra o mundo inteiro em torno dele. Enquanto isso, o tempo todo, testemunhando esse eu pequeno e seu mundo inteiro, existe o Eu Verdadeiro ou a Testemunha Real, que não é perpétua, mas sim eterna (a diferença é que "perpétuo" significa acontecer para sempre, enquanto "eterno" significa um momento inteiramente atemporal, um Agora intemporal ou Momento presente que não entra no fluxo do tempo – portanto, é "Não Nascido" – e também não sai do fluxo do tempo – portanto, é "Imortal"). É este Eu Verdadeiro – que está testemunhando seu pequeno eu e o mundo ao redor, agora! – que as Tradições afirmam ser uno com o Espírito, uno com o Divino, em uma Identidade Suprema que é nossa verdadeira Condição, nosso verdadeiro Lar, nossa verdadeira Fonte e a Essência de todos os Seres, cuja descoberta leva à consciência não dual ou "Consciência da Unidade", onde você percebe que é um com cada coisa em todo o universo, momento a momento. Supernovas rodopiam na sua cabeça, galáxias nascem e morrem no seu Coração, seres sencientes, aos bilhões, surgem do seu Eu mais oculto, que é o Eu dos Kosmos em geral, e tempestades fluem pelas suas veias, enquanto o Sol ilumina os neurônios da sua noite – e tudo isso é o seu Eu Real, seu intenso EU SOU, que sozinho era, sozinho é e sozinho será sempre. O Espírito na 1ª pessoa. Seu Eu mais profundo.

Criam-se guerras argumentando onde o Espírito deve ser encontrado – isto é, argumentando sobre o verdadeiro Endereço Kósmico de Deus – é mítico, racional ou holístico? 1º, 2º ou 4º quadrante? Estado denso, sutil, causal ou não dual? Com um genuíno Gigaglossário podemos detectar as diferentes formas do Espírito em cada um dos quadrantes, níveis e Visões, linhas e estados, pois existe um Deus diferente em cada um. Qual é o certo? Todos eles, é claro,

embora alguns sejam "mais certos" (mais inclusivos, com mais altitude, mais acolhedores) do que outros.

Além dos quadrantes, focalizamos, principalmente, as várias formas do Espírito nos diferentes níveis da linha de inteligência espiritual (que, como todas as inteligências múltiplas, é composta de estruturas de consciência); o que apresentamos na tabela 1 é apenas um breve resumo do espectro total da inteligência espiritual, com "Espírito" significando algo substancialmente diferente em cada nível, em cada visão de mundo (visões/experiências do "Espírito" no magenta, vermelho, âmbar, laranja, verde, 2ª camada, índigo/paramente, violeta/metamente, ultravioleta/sobremente e luz clara/supermente). Em cada caso, o Espírito transcende e inclui seus níveis prévios e, portanto, é cada vez mais expansivo, cada vez mais inclusivo, cada vez mais abrangente e penetrante, até que todo o Kosmos, manifesto e não manifesto, seja ressuscitado do fluxo da Consciência e transmita sua mensagem Radiante para todos os que descubram esse Endereço Kósmico e se mudem para sua vizinhança.

E o ponto é quão extraordinárias são as formas mais recentes, mais elevadas, mais profundas e mais abrangentes do Espírito quando comparadas às formas evolutivas iniciais! Ao constatar que uma pessoa, hoje, está buscando o Espírito na 3ª camada (ou que está buscando um genuíno desenvolvimento de estágios de estado) e outra pessoa está abraçando o Espírito no âmbar, podemos afirmar que elas estão fazendo coisas fundamental e radicalmente diferentes, dificilmente merecendo o mesmo termo "religião". (Algo como essas diferenças está por trás da declaração comum de mais de 20% da população que afirmam ser "espiritualistas, mas não religiosos").

O lamentável ponto correlato é que, no mundo de hoje, desastrosamente, todas essas formas do Espírito tendem a ser simplesmente agrupadas como uma Coisa Única, e, portanto, digamos, o que Padre Thomas Keating está fazendo (trabalhando com o Espírito de 3ª camada) é lançado no mesmo saco do que fazem Jerry Falwell e Pat Robertson (que trabalham com o Espírito âmbar-mítico de 1ª camada), uma vez que, supostamente, todos eles estão usando o mesmo "material religioso". Que catástrofe cultural! Indiscutivelmente, o Deus mágico-mítico causou a maior quantidade de dor e sofrimento de qualquer espécie da história, enquanto o Deus de 3ª camada (e estágio de estado não dual) é responsável pela Liberdade, Plenitude e Libertação supremas disponíveis a todos os seres humanos. Fundi-los demonstra um nível quase criminoso de ignorância espiritual. Um Gigaglossário de Semiótica Integral acabaria imediatamente com tais confusões.

Juntamente com isso, viria a compreensão das injunções, exemplares, paradigmas ou ações necessárias para nos mudarmos para a vizinhança do Endereço Kósmico onde se encontra o referente procurado. Para entrar em contato com o Deus mítico, as ações necessárias começam, primeiro, por desenvolvermo-nos até o nível âmbar-mítico e, em seguida, dedicarmo-nos a orações petitórias, onde o senso do eu separado implora à sua versão mítico-

imaginal de Deus que lhe conceda milagres, favores, benefícios ou outros regalos – um tipo de *vending machine* kósmica. "Oh Senhor, você não me arranjaria um Mercedes Benz? Todos os meus amigos têm Porsches. Eu prometo me emendar", como cantou Janis Joplin. No outro extremo do espectro da inteligência espiritual, na 3ª camada (ou, tão importante quanto, em vários estágios de estado superiores de desenvolvimento genuíno), o que está envolvido não é aceitar uma crença ou credo particular, mas uma psicotecnologia de transformação de consciência real. O senso do eu separado exercita práticas que minam ativamente seus modos de autocontração e autoenvolvimento, e entrega-se aos vastos limites do Espaço Total, onde o dualismo sujeito-objeto se dissolve, o eu separado dá lugar ao Eu Verdadeiro e o Eu Verdadeiro fundamenta-se na Quididade ou Essência deste e de cada momento, atemporalmente, infinitamente, radiantemente, desnudadamente. Seu Eu mais profundo é o Eu do Kosmos em geral, e encontra-se uma Unidade ou Não Dualidade inextricável entre o que está "deste lado" da sua face e o que está "lá fora" – ambos se tornam parte de um surgimento inconsútil do universo inteiro, momento a momento. Repousando na Condição que é o Fundamento de todo Ser, você é anterior ao tempo e ao fluxo do tempo, e, assim, repousa na eternidade intemporal; você está livre do espaço entre sujeito e objeto e, desse modo, repousa no infinito sem espaço – e, portanto, você é tanto Não Nascido (nunca adentra o tempo) quanto Imortal (nunca se afasta do tempo; simplesmente é anterior a ambos). O espaço e o tempo ainda surgem, mas você não está mais preso a eles; repousa no Presente intemporal como Presença pura, o EU SOU – "antes que Abraão fosse, EU SOU". Não mais será enganado por esse ilusório domínio manifesto com todos os seus estados delirantes, este "conto de som e fúria, narrado por um idiota, que não significa nada".

COMO AS PALAVRAS TORNAM-SE SIGNIFICANTES

Todos esses pontos seriam esclarecidos com a criação de um Gigaglossário. À medida que estágios mais elevados (tanto de estruturas quanto de estados) são experienciados, mais se transformam em referentes que, lentamente, adquirem significantes e, consequentemente, mais esses significantes entram no fluxo da sintaxe e seus significados, no fluxo da semântica (e no mundo semântico total da cultura ou subcultura).

É comum se dizer que a experiência religiosa ou espiritual é "inefável" e, portanto, não se consegue falar dela de fato. Mas isso não é bem correto. Qualquer experiência direta é inefável – o sabor de um pedaço de bolo, ouvir Mozart, contemplar um pôr do sol. Mas essas experiências foram repetidas por tantas pessoas em tantos estágios de desenvolvimento, de modo que, lentamente, desenvolveram-se palavras (signos e significantes) para cada uma delas. Quando um indivíduo tem uma dessas experiências (um significado), já existe uma palavra (um significante) para ela e ele pode dizer: "Uau, eu vi um pôr do sol extraordinário ontem à tarde", e a maioria das pessoas, que também

teve experiências semelhantes, saberá exatamente o que essa pessoa quis dizer (mais ou menos).

Mas quando alguém relata, como fez recentemente um cirurgião de cérebro, uma profunda experiência de quase morte, que, entre outras coisas, fê-lo passar por uma vivência incrivelmente real de trevas divinas que, mesmo assim, estavam franjadas de luz – esta é uma experiência bastante rara que quase nunca é discutida em público. Ele disse que não tinha palavras para descrevê-la – e, de fato, não tinha, uma vez que esta é uma experiência rara no Ocidente e, portanto, não temos um conjunto de palavras (ou significantes) para ela. O neurocirurgião contou que, finalmente, encontrou um poeta cristão que chegou muito perto dela: "Há, em Deus, alguns dizem, uma escuridão profunda, mas ofuscante ...". Ele comenta: "Foi exatamente isso: uma escuridão negrumosa que também estava repleta de luz."

Mas qualquer pessoa familiarizada com a literatura mística reconhecerá imediatamente que esse médico passou por uma experiência muito genuína do estado causal, que é universalmente descrito como um Abismo, ou escuridão infinita, animado por um brilho ou luminosidade sufocante. De fato, a literatura está cheia de relatos sobre esse e outros estados divinos, com uma enorme quantidade de signos e significantes para essas experiências. Desse modo, o que é "inefável" sobre o estado místico não é o estado propriamente dito, mas nossa relativa falta de experiência sobre ele. Se a experiência consciente do estado causal fosse tão comum quanto um pôr do sol, teríamos palavras suficientes para ela. Se fosse tão comum quanto a neve é para os esquimós, presumivelmente teríamos 28 palavras para ela, como têm os esquimós para a neve.[2]

É assim que os referentes tendem a se tornar parte do nosso sistema de significados semânticos. A experiência particular do referente ocorre, em primeiro lugar, para poucas pessoas (no Quadrante Superior Esquerdo), que, mais cedo ou mais tarde, começam a falar sobre ela, com quaisquer marcas, símbolos e signos que possam usar, tentando, com seu comportamento (Quadrante Superior Direito), transmitir a experiência. À medida que esse processo continua, ele se move para o Quadrante Inferior Esquerdo e grupos de pessoas, agora tendo tido a experiência, contribuem para a discussão. Com a progressão dessa discussão, surge, finalmente, um conjunto de signos preferidos que se tornam parte do repertório semântico desse grupo em

---

[2] O único ponto com o qual devemos ter cuidado é a diferença entre Verdade Absoluta e Verdade Relativa – a Verdade Absoluta, sendo não dual, não pode ser captada por palavras e conceitos dualistas em nenhum caso, seja ela experienciada com frequência ou nunca. Como observamos anteriormente, os místicos – como os Mestres do Zen – passam por cima disso com o uso inteligente do símile e da metáfora (Nagarjuna: "Não pode ser chamado vazio, nem não vazio, nem ambos, nem nenhum, mas para indicá-lo, ele é denominado Vazio."). O sistema completo do *koan* é uma maneira de superar este problema usando conceitos necessariamente dualistas para transmitir realidades não dualistas. Mas o ponto é que, quanto mais ocorrerem experiências diretas da Realidade Suprema, mais essas metáforas farão sentido. Novamente, não é tanto a experiência, mas sua relativa raridade que a torna "inefável".

particular. Em breve, os referidos signos são usados na sintaxe e gramática da língua (Quadrante Inferior Direito), e os referentes transformam-se em fenômenos existentes de pleno direito. Eles se tornam parte da ação do nexo do modo dominante de discurso do grupo, disponível para todos que desejem discutir o fenômeno. Os Mestres do Zen, por exemplo, falam sobre o Vazio o tempo todo; ele não é mais inefável do que um pôr do sol. Mas é "grego" para alguém que não tenha tido a experiência direta e, como poucas pessoas tiveram experiências diretas do Vazio ou Abismo místico, esses fenômenos permanecem "inefáveis" para a maioria das pessoas. Mas não há nada inerente aos vários estados e experiências místicos que os tornem inefáveis – exceto a sua raridade em determinadas populações.

Mas precisamos começar, em algum momento, a expandir nossa linha de inteligência espiritual, e a melhor forma é começar a criar um Gigaglossário, descrevendo o mais detalhadamente possível o maior número de fenômenos para cada estágio, nível e Visão dessa linha particular. Já vimos algumas das diferenças dramáticas entre os níveis mais baixos e os níveis mais elevados do "Espírito". Mas esse é exatamente o tipo de percepção que a humanidade precisará para começar a confiar em sua própria inteligência espiritual, sair de sua rotina de violência, vingança, terrorismo e brutalidade mágico-mítica, e mudar-se para níveis mais elevados de Amor, Cuidado, Compaixão, Libertação, Liberdade e Criatividade. Cerca de 70% da população mundial permanece presa a níveis de desenvolvimento etnocêntricos (âmbar-mítico) ou inferiores. E a maior parte dessas ideias etnocêntricas é própria das grandes religiões do mundo, escravizando indivíduos à *jihad* (guerra santa) na melhor parte de suas vidas e abrindo o planeta para cruzadas religiosas e terrorismos contínuos e variados. Repetindo, sejam os Batistas do Sul que explodem clínicas de aborto, ou os separatistas *sikh* que lutam contra os hindus, ou os terroristas muçulmanos que bombardeiam civis inocentes em culturas modernas, ou grupos budistas que lançam gás *sarin* no sistema de metrô de Tóquio, as religiões de 1ª camada com Endereços Kósmicos mais baixos são bombas de efeito retardado prontas a explodir. E, no entanto, praticamente todas essas religiões têm níveis e estágios superiores ao mítico-literal.

A única maneira de dar um basta nessa situação é as religiões se abrirem para níveis mais elevados de inteligência espiritual, movendo-se especialmente do etnocêntrico para o mundicêntrico e níveis superiores, eliminando de uma vez por todas a mentalidade do "nós contra eles" da mente etnocêntrica e liberando bilhões de seres humanos da causa da guerra santa. Pois, não se engane: enquanto estiver identificado com o nível mítico-literal, que vê minha religião e meu salvador como o único e verdadeiro caminho para a salvação, eu ficarei sob a pulsão, explícita ou implícita, para a *jihad* – para a guerra santa de uma forma ou outra, sob um nome ou outro, seja em suas formas mais suaves de proselitismo constante e zelo missionário, incapaz de dormir até que cada alma no planeta aceite minha religião, ou em suas formas mais graves já listadas: terrorismo, bombardeios, assassinatos, cruzadas e carnificinas, tudo em nome do glorioso e único Deus (o meu).

Não lhe parece estranho que se afirme que a religião é a causa de incontáveis sofrimentos e guerras, bem como a única fonte de Amor e Moralidade no mundo? Afinal de contas, qual é a afirmação correta?!

Ambas, dependendo para qual extremidade do espectro de desenvolvimento você está olhando. Nos níveis inferiores, pré-convencionais, mágico-míticos, a religião é, de fato, uma força frequentemente malévola, preocupada apenas com quem está certo e quem está condenado pela eternidade. Esta foi a fonte das cruzadas sangrentas, da Inquisição espanhola e dos incontáveis atos terroristas de hoje. Por outro lado, nos níveis superiores, pós-convencionais (começando no laranja e, especialmente, na 2ª e 3ª camadas), a espiritualidade é uma ferramenta estrondosamente poderosa para incrementar o Amor, o Cuidado, a Liberdade, a Compaixão e livrar-me do Sofrimento. Torna-se um dos caminhos da Grande Libertação, liberando-me do meu eu pequeno, contraído, finito, ou ego de inerente dor, e abrindo-me para minha Identidade Suprema como Fonte, Quididade, Essência e Meta do Kosmos inteiro em toda a sua radiante, extraordinária e esplendorosa glória, cingida por um Amor que não conhece fronteiras, uma Felicidade que não conhece limites, uma Consciência que não conhece sofrimento. E um Lar, alma querida – seja bem-vinda ao Lar!

E a única maneira de começar a agir sobre esses fatos é harmonizar nossa linguagem – nossa semiótica. Há diferentes Deuses, em diferentes espaços de mundo e altitudes, e diferentes formas ou injunções para alcançar ou entrar em contato com cada um; portanto, devemos ter um vocabulário diferente, uma semântica diferente, para cada um deles. Conforme indicado na tabela 1, todos começamos no nível mais baixo de inteligência espiritual (infravermelho) e evoluímos e crescemos a partir daí; assim, isso é algo que nos toca a todos, seja conhecido ou não, desejado ou não, descoberto ou não (e aparece em todas as formas de desenvolvimento, não apenas, ou mesmo especialmente, em formas espirituais, embora essa seja uma dimensão particularmente importante). Como seres humanos, somos condenados ao significado; e na medida em que a inteligência espiritual aborda a "preocupação última" e o "significado final", e uma vez que cada indivíduo começa seu crescimento e desenvolvimento na estaca zero – infravermelho, arcaico – e se move a partir daí para o mágico, mítico, racional, pluralista, integral e transpessoal, cabe a todos nós dar a maior atenção possível à libertação da nossa inteligência espiritual da prisão nos níveis mágico-míticos, com todo o terror e *jihadismo* encontrados neles. E o nível de inteligência espiritual para o qual eu consiga evoluir não tem de ser um ponto compreendido conscientemente; se eu estiver preso ao mítico-literal, tudo o que consigo notar é que sempre que me pergunto o que realmente me interessa, quais são meus valores e preocupações fundamentais, o que é mais importante para mim – minhas respostas voltarão sob formas superficiais e fantasiosas, e, provavelmente, cairei em algum grau de depressão, às vezes bastante grave, quão rasa e tênue minha vida se apresente. Isso, como disse, é uma preocupação que nos toca, seja ela reconhecida ou não. Por outro lado, podemos torná-la consciente e abrir nossa inteligência espiritual para níveis de

realização cada vez elevados, descobrindo, assim, uma profundidade crescente, um valor crescente, um cuidado crescente, uma conscientização crescente e uma liberdade crescente permeando nossas vidas.

Não ignoremos essa noite escura com um "Deus tamanho único". Uma Semiótica Integral nos proporciona um Gigaglossário Integral de todos os referentes possíveis para os vários significantes, bem como nos alerta para a necessidade de que, se quisermos conhecer o referente, teremos de experienciar seu significado – isto é, vivenciar as dimensões do seu Endereço Kósmico, seguindo injunções específicas para produzir e enagir o fenômeno particular, que é o referente do signo. Esta é a dádiva oculta de uma Semiótica Integral. Para conhecer e experienciar de fato um determinado referente, é preciso empreender injunções e enações que o coloquem na mesma vizinhança do Endereço Kósmico do referente (seja ele "cachorro", "raiz quadrada de menos um" ou "Deus"); portanto, vivenciar os fenômenos diretamente e por familiaridade (e não somente por descrição).

Até onde posso afirmar, trata-se de uma abordagem global radicalmente nova, praticamente sem precedentes nas tradições antigas ou modernas do mundo, embora o que eu tenha apresentado seja um esboço e um resumo tremendamente simplificados. Mas é um bom modo de começar, e confio que outros abracem a causa.

LINGUAGENS DO ESPÍRITO

Dissemos que as experiências espirituais/místicas não são, em essência, mais inefáveis do que qualquer outra experiência. Se você vivenciar a experiência, você entenderá o referente do significante (seja ele Deus, Espírito, Vazio, estado causal, estado sutil, *samadhi* ou união consciencial, Subjetividade Absoluta ou quaisquer outros significantes do Supremo). O ponto que estamos tentando enfatizar aqui é que cada experiência espiritual/mística possui um Endereço Kósmico específico e, se você se encontrar na mesma vizinhança desse Endereço Kósmico, poderá comprovar por si mesmo se o referente espiritual é real ou não.

Isto é particularmente verdadeiro para todas as experiências espirituais/místicas, exceto para o estado derradeiro radical ou Não Dual. Todos os outros estados místicos, tecnicamente falando, pertencem ao mundo relativo – o estado causal não é o estado sutil, *savikalpa samadhi* (união com a forma) não é o mesmo que *nirvikalpa samadhi* (união informe), o misticismo da natureza é diferente do misticismo da divindade, que é diferente do misticismo informe. Todos são diferentes, porque, em última análise, nenhum deles é totalmente inclusivo.

Mas o supremo Não Dual não é diferente de nenhum deles – nem diferente de qualquer objeto, evento ou item do domínio manifesto. É o Fundamento de todos os fenômenos, e não um outro fenômeno em si, nem mesmo um Fenômeno Realmente Gigante. Não é uma Grande Onda em

contraste com uma pequena onda do oceano, mas a própria umidade (ou Quididade) de cada onda do oceano. E, portanto, ao falar da Realidade Suprema, deparamo-nos com um problema específico que não encontramos ao lidar com qualquer Fenômeno Relativo – a saber, todos os significantes são inerentemente inadequados para evidenciar o Supremo, tenha você tido ou não uma experiência Não Dual. Para a maioria das experiências místicas, a "inefabilidade" não é realmente verdadeira, como já dissemos, mas simplesmente é causada por ainda não termos vivenciado a experiência direta em si. Tenha uma experiência de algo como o "misticismo da divindade", e você entenderá essas palavras (significantes) quando encontrá-las. Como qualquer outra experiência direta, a maioria dos estados místicos pode ser adequadamente representada por significantes que indicam o referente místico. Tenha a experiência correta, e você entenderá o significante (ele acionará o significado correto em sua consciência e você reconhecerá o referente real).

Mas com o Supremo é diferente, precisamente porque ele não é diferente de nada. É o único "referente" que tem essa qualidade (embora essa qualidade também seja formalmente negada). A razão é que qualquer conceito mental faz sentido apenas em termos de seu oposto (espírito versus matéria, forma versus informidade, claro versus escuro, infinito versus finito, consciente versus inconsciente, etc.). Mas a Não Dualidade não tem oposto e, portanto, nenhum conceito pode, *em princípio*, representá-la com precisão (inclusive este).

Tradicionalmente, existem três modos de falar sobre o Espírito – o que ele é (assertivo ou ôntico), o que ele não é (negativo, apofático) e como ele é (metafórico, analógico, catafático). Em breve, adicionaremos mais um (e talvez o mais importante).

Também tradicionalmente, o único desses modos que traz problemas é o "o que é" (assertivo ou ôntico), porque é a qualificação do inqualificável, o que gera contradição, *reductio ad absurdum* ou, na melhor das hipóteses, paradoxo – a razão sendo, novamente, que o Supremo é Não Dual e, portanto, inqualificável (inclusive, novamente, esta afirmação). Dizer como o Supremo se parece (metafórico, analógico, catafático), ou dizer o que ele não é (negativo, apofático) não apresenta problema, porque nenhum desses modos atribui diretamente uma qualidade concreta ao Supremo. Mas, como demonstrou Kant, tentar captar o Espírito com a Razão pura resulta em nada mais que contradições (o que ele chamou de "aporias"), porque o oposto do que é postulado pode ser colocado com força igual.

Talvez a abordagem mais agressiva e abrangente para essa questão seja dada pelo gênio budista Nagarjuna. Com base nos "4 inexpressíveis" de Buda, Nagarjuna demonstrou que, quando se trata do Absoluto:

1. Ele não é "A".

2. Nem "não A".

3. Nem ambos.

4. Nem nenhum.

"Não se pode dizer que é, nem que não é, nem ambos, nem nenhum, mas, para indicá-lo, é chamado de 'Vazio'." Ora, essa dialética, algo diferente da de Kant, não é apenas um ponto teórico; em vez disso, é o preâmbulo da adoção de uma forma diferente de conhecimento – Consciência não conceitual, não dual, inqualificável (ou *prajna*, gnose) – que introduz a pessoa, direta e imediatamente, à Realidade última, como ela é, não como poderia ou deveria ser, mas simplesmente como é, em seu Âmago, Quididade ou Fundamento genuíno, despojada de todas as categorias, conceitos, sentimentos ou desejos – uma apresentação imediata à Essência de todo Ser, ou puro *Dharmakaya* ("natureza de Buda"), que é, simultaneamente, a libertação do senso do eu separado, ou a autocontração, e a descoberta do próprio Eu Verdadeiro, divino, não nascido, imortal e eterno (despojado de todas essas qualidades, é claro).

Como é esse conhecimento não dual? Bem, suponha que eu lhe pergunte: "Como você se sente neste exato momento *fisicamente*?" Você pensa sobre isso e dá algumas respostas. Em seguida, eu pergunto: "Como você se sente neste exato momento *emocionalmente*?" Você também pensa sobre isso e apresenta algumas respostas plausíveis. Aí eu lhe pergunto: "O que você sente exatamente agora *mentalmente*?" E você também reflete alguns momentos, vindo com algumas respostas.

Agora, e se eu perguntar: "O que você sente neste exato momento sob todas essas três perspectivas?" Muito provavelmente, sua mente ficará de repente em branco, imóvel e silenciosa. Não surgirão palavras, pensamentos ou imagens, apenas uma consciência vasta, aberta, clara e vazia. Enquanto durar esse momento, se você olhar ao redor poderá notar, por exemplo, que as nuvens estão flutuando em sua consciência; a montanha está a surgindo na sua consciência; você não está em sua casa, sua casa está em você, está nessa consciência. Na verdade, todo o universo manifesto está surgindo, exatamente agora, nessa consciência aberta e inqualificável como tal. Você não consegue dizer o que ela é (qualquer conceito que você use tem um oposto e, portanto, está excluído dessa consciência inclusiva – metaforicamente); mas você pode dizer o que ela não é (não é dualista, não é egoica, não é conceitual); e você pode dizer com que ela se parece (é algo como a Presença ou Quididade ou Essência da realidade presente, momento a momento, nua, aberta, luminosamente clara). Os modos negativo e metafórico funcionam; o assertivo, ou ôntico, não.

É por isso que, de acordo com Nagarjuna e o Budismo Mahayana, que ele ajudou a fundar, você não pode dizer que a realidade final é uma ordem implícita versus uma ordem explícita – o que é dualista; nem você pode dizer estritamente que é a Essência de todo Ser – e o Nada? ("Essência" funciona metaforicamente, mas não onticamente). Você não pode dizer que é uma imagem da Deidade, nem que é um Criador, nem uma Mente universal, nem uma Grande Teia da Vida, ou qualquer qualificação como essas. Eis por que a

maioria das filosofias, quando passa da verdade relativa para a verdade absoluta, falha miseravelmente.

Mas há um outro tipo de "conversa" que se pode usar em referência ao Supremo, e que, como sugerimos, é o mais importante de todos – a saber, a conversa *injuntiva* (exemplar, experimento, paradigma) – ou o conjunto de instruções que você deve seguir para passar do conhecimento dualístico ao conhecimento não dual (ou *prajna*, gnose, metanoia). E essas instruções são, basicamente, os passos da meditação ou da contemplação, que aquietarão a mente superficial, egoica, conceitual e dualista e começarão a abri-la para a mente mais profunda, mais elevada, não conceitual, não dualista, que, metaforicamente, está além de todos os pensamentos, palavras, emoções, sentimentos e demonstrações dualistas, aberta ao próprio Espírito.

Podemos quase imediatamente ver que o que essas injunções fazem é nos mover para a vizinhança do Endereço Kósmico do Espírito, abrir nossos olhos para uma experiência ou percepção direta do Absoluto – um tornar-se um com o Absoluto em um estado não dual de conhecer e ser – um *satori*, uma metanoia, um despertar, uma Iluminação.

Isso se encaixa perfeitamente com o que dissemos anteriormente sobre o referente de significantes existente em um espaço de mundo particular, e que a única maneira de o conhecer é se mudar para o mesmo bairro do Endereço Kósmico do referente e, em seguida, olhar ao redor. A característica ímpar da consciência espiritual suprema é que, despojada de todos os tipos de consciência, é, radical, absoluta e totalmente inclusiva (metaforicamente falando). Existem injunções ou práticas para acessar o Endereço Kósmico desse Estado, e elas podem ser dadas de forma injuntiva.

Podemos representar estes quatro modos diferentes de se referir ao Espírito por símbolos: assertivo ou ôntico com (+); negativo com (-); metafórico com (*); e injuntivo com (!). E, dessa forma, podemos formular a conclusão praticamente unânime das grandes Tradições de Sabedoria, dizendo que, quando se trata da Realidade suprema, a única linguagem que, em última análise, é aceitável é a injuntiva (!). Portanto, tudo o que podemos dizer com precisão, em relação à Realidade suprema, é dar a lista de instruções de meditação para se alcançar o estado de consciência causal/não dual (ou 3ª camada).

Uma declaração ôntica (+) simplesmente gerará contradições. Uma afirmação negativa (-) é boa, mas só lhe dirá o que não é (não é isso, nem aquilo, nem um, nem muitos, nem Eu, nem não Eu, nem Plenitude, nem Vazio, etc.). Uma afirmação metafórica (*) é boa – Deus é puro amor (mas não literalmente verdadeira, uma vez que exclui os estados negativos e, ainda assim, "Eu, o Senhor, faço a luz brilhar sobre o bem e o mal; Eu, o Senhor, faço todas essas coisas") – sem mencionar o constante problema de confundir metáforas com realidades ônticas e acabar com uma Essência do Ser dualista. Mas as instruções (injunções [!]) para a meditação me colocarão no caminho que leva à

vizinhança do Endereço Kósmico daquilo que estou procurando, para conseguir ver por mim mesmo, diretamente, a Inclusão total (*).

Assim, a única prova real para a existência de Deus é injuntiva (!). Para a pergunta, "o Espírito existe?", a única resposta com precisão aceitável não é "sim"; não é "não"; não é "o Espírito é a Essência transcendental de todos os Seres"; não é "o Espírito é a Plenitude e a Liberdade de toda realidade". A única resposta correta é: "sente-se confortavelmente em uma cadeira, esvazie sua mente e repita suavemente, a cada respiração: 'consinto a Presença do Senhor'; faça isso por vários anos e veja o que acontece. Ou "sente-se em posição de lótus ou meio lótus, libere todos os pensamentos, desejos e apegos, e siga sua respiração, contando de 1 a 10, e depois recomece; faça isso diariamente, por uma hora ou mais, por vários anos, e depois voltemos a conversar...".

O problema com praticamente qualquer conceito de "Novo Paradigma" é que, em suas tentativas de incluir o Supremo, ele acaba qualificando-o ou caracterizando-o, e assim torna-se perfeitamente parcial e dualista (por exemplo, implicado versus explicado, todo versus parte, holístico versus fragmentado, unificado versus parcial, etc.). A Mecânica Quântica é, então, normalmente arrastada para descrever o Estado Final que dá origem a todas as manifestações (por exemplo, o vácuo quântico), uma jogada que divide a Realidade em Espírito versus não Espírito, que é perfeitamente dualista. Além disso, aprender este Novo Paradigma não tem absolutamente o menor efeito no despertar do conhecimento não dual (*prajna* ou gnose); simplesmente se tem uma nova visão de mundo para o conhecimento por descrição, não para o conhecimento por familiaridade. Milhares de indivíduos dominam a Mecânica Quântica e a Física Moderna, e praticamente nenhum deles tornou-se Iluminado fazendo isso! Estudar Nagarjuna deveria ser pré-requisito para licenciatura em escrita filosófica!

(A Mecânica Quântica é o que toda tradição mística afirmaria pertencer à verdade relativa, e não à verdade absoluta. O campo de potencial zero, mesmo que seja completamente não local e universal, ainda é do domínio relativo, porque está separado de outros itens desse domínio, como as partículas e ondas que emergem dele. Tanto a ordem implicada quanto a ordem explicada – que são diferentes entre si, indicando que nenhuma delas pode ser, em última instância, totalmente inclusiva (*) – pertencem ao domínio relativo. É por isso que aprender Mecânica Quântica não levará à Iluminação e por que a grande maioria dos físicos profissionais, que dominam a Física e a Mecânica Quântica, não dominam estados de consciência transpessoais nem, portanto, estados de consciência de Iluminação. Que a Mecânica Quântica "prova" o misticismo é, provavelmente, o mito singular mais amplamente disseminado atualmente.)

ZONAS DA SEMIÓTICA

Há um último ponto que precisamos mencionar. Demos a localização (o Endereço Kósmico) de significantes (QSD), significados (QSE), semântica (QIE)

e sintaxe (QID), usando *quadrivia* como âncoras simples. Em muitos aspectos, isso é totalmente adequado. Mas podemos dizer mais algumas coisas úteis ao fazer um detalhamento mais fino em zonas.

Um ponto a lembrar sobre zonas é que, em geral, uma zona de fora tem um maior grau de perspectivas de 3ª-pessoa, e uma zona de dentro tem um maior grau de perspectivas de 1ª-pessoa. Da mesma forma, significados têm um maior grau de realidades interiores ou de 1ª-pessoa, e significantes, um maior grau de realidades exteriores ou de 3ª-pessoa.

Assim, para analisarmos como zonas específicas contribuem para cada dimensão semiótica, temos de manter essas correlações em mente. Por exemplo, um significante, como a marca objetiva material (na maioria das vezes, 3ª-pessoa) escrita ou falada, combina-se naturalmente com o fora do hólon no Quadrante Superior Direito (cuja realidade de fora é 3p x 3-p x 3p ou minha 3ª pessoa assume uma perspectiva 3-p [de fora] de realidades de 3ª-pessoa). E no Quadrante Superior Esquerdo, o significante, embora ainda se encontre predominantemente no Quadrante Superior Direito, ressoará com o componente "objetivo" ou 3-p da estrutura de fora do hólon no Quadrante Superior Esquerdo. As estruturas são degraus obtidos, de alguma forma, de experiências diretas (elas são uma abordagem 1p x 3-p x 1p ou minha 1ª pessoa adota uma abordagem objetiva ou de 3ª-pessoa para as minhas realidades 1-p. É com o componente de 3ª-pessoa desse endereço do QSE que o significante do QSD, primeiramente, ressoará no QSE, portanto reverberando com essa parte do fora do hólon antes de desencadear a experiência direta interior do significado. Portanto, o significante é zona # 6 / # 2).

O significado, por outro lado, é essencialmente uma realidade experiencial de 1ª-pessoa. No Quadrante Superior Esquerdo, que é o sítio primário do significado, o interior do hólon é 1p x 1-p x 1p (ou minha 1ª pessoa adota uma abordagem de 1ª- pessoa para as minhas realidades de 1ª-pessoa). Isto é, significados o tempo todo. Mas no Quadrante Superior Direito, há um componente ressonante de 1ª-pessoa ou subjetivo, ou seja, um aspecto do dentro do hólon (cuja realidade de dentro do Quadrante Superior Direito é 3p x 1-p x 3p, ou a minha 3ª pessoa assume uma visão subjetiva ou de 1ª-pessoa das minhas realidades de 3ª-pessoa – a chamada abordagem autopoiética ou cognitiva comportamental, sendo a parte "cognitiva" o aspecto de 1ª-pessoa ou 1-p do significante no QSD). Assim, no QSD há um aspecto de 1-p parte no dentro do hólon, e isso ressoa com o significado em si no QSE. Portanto, o significado é zona # 1 / # 5.

Da mesma forma, nos quadrantes inferiores, há ressonâncias secundárias entre a semântica e a sintaxe. No Quadrante Inferior Esquerdo, que continua a ser o sítio primário da semântica, a realidade global do dentro do hólon cultural interior é 1p x 1-p x 1ppl*, ou uma 1ª pessoa adota uma abordagem de 1ª-pessoa para as realidades de 1ª-pessoa do plural. Mas no fora do hólon cultural interior, há um aspecto objetivo ou de 3ª-pessoa (a realidade global do fora do hólon cultural interior é 1p x 3-p x 1ppl*, ou uma 1ª pessoa assume uma perspectiva

objetiva ou de 3ª-pessoa do Nós ou 1ª-pessoa do plural). O aspecto de fora de 3ª-pessoa ressoa com a sintaxe objetiva em geral, e, de fato, vemos isso, por exemplo, na busca pela etnometodologia de regras e códigos objetivos de formações culturais. Donde a sintaxe é zona # 8 /# 4.

Da mesma forma, no Quadrante Inferior Direito, que continua a ser o sítio primário da sintaxe, a realidade geral do fora do hólon social é 3p x 3-p x 3ppl*, ou uma 3ª pessoa adota uma abordagem de 3ª-pessoa para realidades plurais de 3ª-pessoa. Isto é sintaxe pura (ou significantes coletivos). Mas o dentro do hólon social exterior é 3p x 1-p x 3ppl*, ou uma 3ª pessoa assume uma visão comunicativa, subjetiva ou 1-p de realidades plurais de 3ª-pessoa. Esse aspecto 1-p do meio ressoa com a semântica interior 1-p do QIE (cujo dentro do hólon interior é 1p x 1-p x 1ppl*). E, de fato, esse aspecto 1-p é coerente com a ênfase da autopoiese social em descobrir os intercâmbios comunicativos que definem sistemas de autopoiese social. Assim, a semântica é zona # 3 / # 7.

Assim, podemos ver que, apesar de as realidades fundamentais dos significantes, significados, semântica e sintaxe permanecerem ancoradas em seus respectivos *quadrivia* (ou seja, QSD, QSE, QIE e QID, respectivamente), o fato é que os quadrantes permanecem profundamente interligados e interconectados, mostrando que eles não são diferentes dimensões de coisas diferentes, mas diferentes dimensões da mesma ocasião, tetrassurgindo e tetraevoluindo de forma conjunta.[3] O fato de que eles diferenciam também significa que eles integram, que há uma unidade-na-diversidade que perpassa todos eles, e que nenhum quadrante pode se sustentar sozinho ou representar toda a realidade por si mesmo. Como nuvens de probabilidade (tais como níveis, linhas e estados), cada nuvem deixa trilhas nos 4 quadrantes, padrões dinâmicos entrelaçados que se tocam diretamente, mesmo que desempenhem diferentes funções próprias.

Os quadrantes do Lado Direito dão ênfase aos exteriores e foras; os do Lado Esquerdo, aos interiores e dentros, mas, no final das contas, nenhum deles é separado ou separável, e o tetrassurgimento e a tetraevolução dos quadrantes são duas de suas características mais importantes. (Eu vi um teorizador tentar localizar meu trabalho em um quadrante único e o de vários outros teorizadores, em outros quadrantes. Não discordo de sua localização dos outros teorizadores em um determinado quadrante, mas imaginar que meu trabalho leva em conta apenas um quadrante é, sinceramente, hilário. Quero dizer, eu sou o sujeito que

---

[3] Isso também inclui as ressonâncias cruzadas entre quadrantes individuais e coletivos. Assim, por exemplo, não só o componente exterior 3-p do fora do QSE ressoa com os componentes 3p no QSD, como também ressoa com os componentes 3p na QID. E, da mesma forma, o 1-p do dentro do QSE ressoa com o 1-p no QIE. Todos se apresentam como influências diretas. Por exemplo, o aspecto 3-p do fora do hólon interior do QSE (zona # 2) forma o componente "objetivo" ou "estrutural" das visões de mundo do QSE, que estão ligadas aos sistemas gerais do QID. E os componentes 1p do mundo semântico total no QIE ressoam com o componente 1-p do dentro do hólon exterior no QSD, dando ao componente "cognitivo" na zona # 5 seu significado cultural (importado do QIE).

inventou os quadrantes e que constantemente enfatiza a necessidade de todos os quatro, como eles estão profundamente entrelaçados, tetrassurgem e tetraevoluem em conjunto e que não podem existir uns sem os outros – eles são tetrarrealidades, o que é completamente óbvio para quem tem uma familiaridade mínima com o meu trabalho. Usar apenas um quadrante é uma falácia que eu chamo de absolutismo de quadrante e, como o literal inventor dos quadrantes, é chocante ser acusado de não os incluir todos! Bem, que isso sirva de lição – e, enquanto isso, os quadrantes sobem – e descem – juntos.)[4]

Isto é certamente o que vemos quando olhamos para a Semiótica Integral – não só o fato de os diferentes *quadrivia* desempenharem um papel diferente, mas absolutamente significativo, como também a sobreposição e entrelaçamento no seu funcionamento uns com os outros. No entanto, historicamente, a tendência tem sido em direção ao absolutismo de quadrante – destacar um quadrante e afirmar que ele, e somente ele, é real. Uma das grandes vantagens dos quadrantes é corrigir esse desequilíbrio maciço e esse estado disfuncional, devolvendo a realidade a um estado de ser e tornar-se mais equilibrado, harmonioso e inclusivo.

Um dos pontos que isso envolve é, geralmente, fazer uso judicioso de outros teorizadores, que realmente se especializaram em um ou dois quadrantes, e usar seu material para expandir a Matriz AQAL. Como muitas vezes ressaltei, incluí na Matriz AQAL básica simplesmente o suficiente de um quadro fundamental para abrir espaço para todos os tipos de outros teorizadores. Quando digo, por exemplo, certifique-se de incluir "níveis e linhas", raramente especifico quais modelos tenho em mente, já que considero qualquer modelo de desenvolvimento que tenha uma quantidade decente de evidências e possa nos mostrar níveis e estágios de desenvolvimento confiáveis em linhas de desenvolvimento específicas (no livro *Psicologia Integral*, apresento tabelas de referência que incluem mais de 100 diferentes modelos de desenvolvimento, podendo-se usar qualquer um deles). Eu tenho meus modelos favoritos para cada uma das principais linhas de desenvolvimento e inteligências múltiplas. A

---

[4] É verdade que meu trabalho frequentemente se concentra em um ou dois quadrantes que receberam pouca atenção e precisam de maior foco. Os quadrantes do Lado Esquerdo, por exemplo, têm sido os mais ignorados de todos os quadrantes; em particular, os trabalhos sobre estados e estruturas do QSE são praticamente inexistentes e, por isso, dei mais atenção a eles. Os quadrantes do Lado Direito, ao contrário, receberam enorme atenção de praticamente todas as ciências individuais no QSD e de todas as ciências sistêmicas e da complexidade no QID (o Realismo Crítico e Edgar Morin são especialmente orientados para essas ciências). O que é necessário aqui é ressaltar e enfatizar a importância de integrar os quadrantes do Lado Esquerdo e do Lado Direito como sendo dimensões diferentes da mesma ocasião dada, e é isso que eu sempre focalizei, e não os detalhes dos Quadrantes do Lado Direito, que podem ser obtidos quase em qualquer lugar. (E quando outros teorizadores se concentram nos quadrantes do Lado Direito, o que eles não focalizam é como esses quadrantes tetraenagem inseparavelmente com os interiores – em outras palavras, o que eles apresentam equivale apenas a mais dados *flatland*, não a uma metateoria integral.)

tabela 2 lista alguns desses favoritos (eu incluí a principal questão da vida que cada inteligência múltipla se propõe a responder):

Linha	Pergunta da Vida	Pesquisador Típico
Cognitiva	Do que estou consciente?	Piaget, Kegan
Autoidentidade	Quem sou eu?	Loevinger, Cook-Reter
Valores	O que é importante para mim?	Graves, Dinâmica da Espiral
Moral	O que devo fazer?	Kohlberg, Gilligan
Interpessoal	Como devo interagir?	Selman, Perry
Espiritual	Qual é a preocupação suprema?	Fowler
Necessidades	Do que eu necessito?	Maslow
Cinestésica	Como devo fazer isso?	Shawn Philips
Emocional	Como me sinto sobre isso?	Goleman
Estética	O que é atraente para mim?	Housen

Tabela 2

No entanto, quando apresento o modelo AQAL, raramente incluo todas elas. Eu seleciono 4 ou 5 linhas principais e as apresento, geralmente em um Psicográfico Integral. Mas o ponto é que a Abordagem Integral completa inclui não apenas todas as linhas acima, mas todos os pesquisadores que desenvolveram boa pesquisa em diversas linhas de desenvolvimento (todos os 100, se desejado!).

O mesmo vale para os quadrantes. Há um enorme número de pesquisadores e teorizadores que fizeram, e estão fazendo, um excelente trabalho em vários aspectos de um ou mais quadrantes, e se você está usando a Estrutura AQAL para focalizar um determinado quadrante, inclua o trabalho desses indivíduos, se achá-lo aplicável. O ponto é que eles, quase sempre, estarão usando um ou mais dos 4 quadrantes ou das 8 metodologias (ou um ramo de suas famílias) e, portanto, haverá espaço para o trabalho deles. Mas, da mesma forma que não incluo todos os psicólogos do desenvolvimento quando descrevo o Quadrante Superior Esquerdo e seus "níveis e linhas", também não incluo todos os pesquisadores que trabalham nos vários quadrantes (embora eu tenha os meus favoritos e tenha estudado a maioria deles). O único requisito para que sejam incluídos em uma Abordagem Integral é que seu trabalho seja suficientemente sólido, com evidências e argumentos confiáveis.

Muitos teorizadores já fazem algo assim. Sean Esbjörn-Hargens e Barrett Brown gostam do Realismo Crítico e incluem material dessa escola. Sean também gosta de Edgar Morin e o incluiu recentemente de várias maneiras. O ponto é que a Estrutura AQAL abre espaço para tudo isso (além de 4 quadrantes, 8 zonas, 8 metodologias, uma dúzia ou mais de níveis, uma dúzia ou mais dos principais tipos de patologias, uma dúzia ou mais de tipos de terapias, aproximadamente duas dúzias de linhas, cinco estados naturais, bem como vários estágios de estado induzidos por treinamento, juntamente com suas patologias, tipologias como o Eneagrama, Myers-Briggs e outras, etc.). Quando

encontramos algo em algum teorizador que seja crucial, mas não tenha sido incluído, simplesmente incluímos! É a *expansibilidade* da Estrutura AQAL que a torna tão *adaptável*. Outros teorizadores que foram incorporados são Habermas, Foucault, Heidegger, Derrida, Florence Nightingale, Husserl, o fundador da quiropraxia, o pesquisador bioenergético Masaru Emoto, numerosas escritoras feministas, Otto Scharmer e seu trabalho sobre estados, Daniel P. Brown e seus estágios de estado, Padre Thomas Keating, vários pesquisadores de arquitetura e economia, para citar um número muito, muito pequeno. Todos eles se mostraram inclusões indispensáveis, e se ainda não foram diretamente incluídos em cada apresentação AQAL, eles estão lá prontos para serem aplicados sempre que for necessário. O leitor está convidado a adicionar seus favoritos quando a ocasião merecer – e, por favor, tente fazê-lo sem alegar triunfalmente que esta nova inclusão é uma falha fundamental na Estrutura AQAL! A quantidade de artigos que afirmam "Eu tenho o novo Paradigma Integral!" é simplesmente extenuante! (Especialmente porque eles usam a Estrutura Integral para incluir o novo teorizador, mas não o contrário...).

Em cada caso de expansão da Estrutura AQAL, estamos simplesmente adicionando novas dimensões em que diferentes referentes podem ser encontrados e, portanto, incluir essas novas dimensões – diretamente ou simplesmente mantendo-as de *stand-by* para quando forem necessárias – é uma parte importante da natureza sempre evolutiva da Abordagem Integral.

EXPANDA SUA MENTE. PROSPERE NA VIDA

Mudanças sísmicas estão em andamento no século XXI e para prosperar, você precisa não só entender melhor seu mundo, mas expandir sua mente e desenvolver as habilidades internas que o ajudarão a liberar seu impacto total. Você pode fazê-lo associando-se a *Integral Life* [www.integrallife.com], onde Ken e outros especialistas em transformação enviarão princípios, perspectivas e práticas que representam a vanguarda do desenvolvimento pessoal diretamente para sua caixa de entrada todas as semanas.

Ken Wilber é um preeminente estudioso do estágio Integral de desenvolvimento humano. Ele é um líder internacionalmente reconhecido, fundador do *Integral Institute* e cofundador de *Integral Life*. Ken é, indiscutivelmente, o criador da primeira filosofia mundial verdadeiramente abrangente ou integrativa, adequadamente chamada de "Teoria Integral". Você pode encontrar a biografia completa de Ken, bem como seus recentes arquivos de mídia, em sua página autoral www.kenwilber.com .